

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Clarisse Olga Arend

A LEITURA E O ADOLESCENTE DO ENSINO MÉDIO: um estudo de caso no
Colégio Estadual Inácio Montanha, Porto Alegre-RS

Porto Alegre

2009

Clarisse Olga Arend

A LEITURA E O ADOLESCENTE DO ENSINO MÉDIO: um estudo de caso no
Colégio Estadual Inácio Montanha, Porto Alegre-RS

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção o do Grau de Bacharel em Biblioteconomia
do Curso de Biblioteconomia, do Departamento de
Ciências da Informação, da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Prof^ª. M^ª. Eliane Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof^o. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Prof^o. Dr^o. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof^o. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-diretora: Prof^a. Dr^a. Regina Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-substituta: Prof^a. Dr^a. Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. M^a. Glória Ferreira

Coordenadora Substituta: Prof^a. Dr^a. Samile Vanz

CIP. Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

A681I AREND, Clarisse Olga

A leitura e o adolescente do Ensino Médio: um estudo de caso no Colégio Estadual Inácio Montanha, Porto Alegre-RS / Clarisse Olga Arend; orientado por Eliane Lourdes da Silva Moro. – Porto Alegre, 2009.

72 f. : il.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Monografia. 2. Leitura. 3. Adolescente. 4. Biblioteca escolar. I. Moro, Lourdes da Silva. II. Título.

CDU 028

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcellos, 2705, sala 507

CEP: 90.035-007 - Porto Alegre/RS

Tel.: (51) 3316.5143

Fax: (51) 3316.5435

E-mail: dci@ufrgs.br

Clarisse Olga Arend

A LEITURA E O ADOLESCENTE DO ENSINO MÉDIO: um estudo de caso no
Colégio Estadual Inácio Montanha, Porto Alegre-RS

Banca examinadora:

Prof^a. M^a. Eliane Lourdes da Silva Moro
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Prof^a. M^a. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Lizandra Brasil Estabel
Bibliotecária e Prof^a. do IFRS

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Ms. Eliane Lourdes da Silva Moro, pelo carinho, paciência, incentivo ao longo do curso e para a realização deste trabalho em um momento tão conturbado de sua vida.

Às bibliotecárias e funcionários da biblioteca da Faculdade de Medicina pelo carinho durante o período como bolsista. A primeira experiência de trabalho na área.

À toda equipe da biblioteca do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), principalmente, a equipe da Legislação e Doutrina pelo carinho, amizade e aprendizado de verdadeiras mestras, durante o período como bolsista.

À Francine Feldens, bibliotecária do Tribunal de Justiça Militar do Estado (TJM), exemplo de profissional. Obrigada pelo carinho, amizade e aprendizado constante.

À bibliotecária do Colégio Estadual Inácio Montanha, Marta Gamboa e a professora Liselote Scheid, pelo carinho e pela disposição em me ajudar na realização do estágio curricular.

À bibliotecária Fabiana Dupont pelo carinho, incentivo e dicas nesta parte final do meu trabalho.

Um agradecimento carinhoso e especial aos colegas, bolsistas como eu, Adriane Curi, Miriam Brito e João Pereira, os dias foram muito mais divertidos com vocês.

Aos amigos queridos Salvador, Adriana, Mariluce, Elisa e Carla pelo carinho e amizade. Desculpem a ausência no último semestre.

Às minhas irmãs e sobrinhas que sempre me incentivaram ao longo do curso. Desculpem as ausências! Carinho especial à Lori, Luana e Gabriela.

À minha sogra Ida, pelo apoio incondicional em todos os momentos nos últimos anos. Obrigada pelo amor, pelo carinho e incentivo. Obrigada também ao Flávio, cunhadas e concunhados pelo carinho e incentivo. Desculpem as ausências!

E, especialmente, aos grandes amores da minha vida: Isis e Alexandre. Obrigada minha filha pelo incentivo e amor! Ao Alexandre, obrigada por ter ficado ao meu lado nessa jornada, inclusive como colega de curso, sempre me apoiando e incentivando. Amo você!

RESUMO

Este estudo busca verificar se o adolescente que frequenta o Ensino Médio em escola do sistema estadual público lê e se esta prática acontece através do acesso e uso da biblioteca escola. Faz algumas considerações sobre a importância da leitura para o desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos, principalmente, do adolescente. Apresenta alguns parceiros, órgãos governamentais, sociedade civil, universidades, entre outros, que promove o incentivo à leitura, seja através de ações concretas ou através da divulgação de projetos que viabilizam a qualificação de profissionais envolvidos nas questões referentes ao acesso à informação e a leitura. Também apresenta alguns projetos do Ministério da Educação e Cultura que abrangem um aporte financeiro e de profissionais muito grandes e que visam promover o acesso e o incentivo a formação do prazer da leitura nas comunidades escolares da rede pública de ensino. Da mesma forma, apresenta o Projeto Mobilizador para a biblioteca escolar desenvolvido pelo Sistema CFB/CRB que busca melhorar a qualidade de ações empreendidas no contexto das bibliotecas e no âmbito escolar. Aborda a biblioteca escolar como espaço interdisciplinar, primordial para a promoção e formação de leitores plenos, onde o acesso ao conhecimento e a informação deve se apresentar de forma dinâmica, inclusive, em suportes que evoluem com as tecnológicas. Por fim, apresenta os resultados do estudo e faz algumas considerações quanto aos serviços oferecidos no contexto atual da biblioteca.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Adolescente. Biblioteca escolar. Escola pública.

ABSTRACT

This study intends verify if public state high school's student are readers and it happens through school library access and use. It brings considerations about reading skills importance for the personal growth, especially for adolescents. It presents some collaborators like governmental agency, civil society, universities and others, that promotes reading incentive both through concrete actions and through publish projects from Educational and Cultural Department that have a big budget and a large professional pool that intends to access and incentive education for reading pleasure in scholarly community from public state education system. In the same way present the Mobilize Project for school library developed by CFB – Library Federal Council – and CRB – Library Regional Council – that aim to improve actions quality undertook in the context of library and in the school ambit. Its approach the school library like an interdisciplinary space, essential to promote and form plenary readers, where the knowledge access and information must be presented within dynamic way, including all technological medium. In the end present study results and consideration about offered services in the actual context of library.

Keywords: Reading. Adolescent. School libraries. Public school.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Sexo dos entrevistados	49
Gráfico 2:	Sexo dos entrevistados por turno.....	50
Gráfico 3:	O estudante lê?.....	51
Gráfico 4:	Importância da leitura.....	52
Gráfico 5:	Leitura, iniciativa própria ou obrigação	53
Gráfico 6:	Leitura, iniciativa própria ou obrigação – 3º. ano.....	54
Gráfico 7:	Acesso a internet.....	55
Gráfico 8:	Materiais de leitura em casa.....	57
Gráfico 9:	Freqüência e uso da biblioteca.....	59
Gráfico 10:	Empréstimo de material.....	60
Gráfico 11:	Informação na biblioteca.....	61
Gráfico 12:	Escola e o estímulo à leitura.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS

CECE -	Comissão de Educação, Cultura, Esportes e Juventude
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
COFINS	Contribuição para Financiamento da Seguridade Social
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
CRL	Câmara Rio-Grandense do Livro
FNDE	Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IPL	Instituto Pró-Livro
NIL	Núcleo de Informação e Leitura
PIS	Programa de Integração Social
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLEM	Programa Nacional do Livro do Ensino Médio
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SEBE	Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Justificativa	12
1.2	Objetivos	13
1.2.1	<i>Objetivo Geral</i>	14
1.2.2	<i>Objetivos Específicos</i>	14
2	CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	Ler - Para Quê?	15
2.2	Parceiros para o Incentivo à Leitura	20
2.3	Grandes Projetos no Brasil	28
2.3.1	<i>Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)</i>	31
2.3.2	<i>Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)</i>	31
2.3.3	<i>Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)</i>	33
2.4	Biblioteca Escolar e a Responsabilidade de “Manter” o Leitor	34
3	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	43
3.1	Histórico da Instituição	43
3.2	Histórico da Biblioteca	44
4.1	Tipo de Pesquisa	47
4.2	Sujeitos do Estudo	47
4.3	Instrumento de Coleta de Dados	48
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	49
5.1	Perfil dos alunos	49
5.2	O adolescente lê?	50
5.3	Freqüência e uso da Biblioteca	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	65
	APÊNDICE A	67

1 INTRODUÇÃO

Desde a pré-história, a natureza tem oferecido ao homem possibilidades e materiais para que sejam feitos seus registros, que servem tanto para testemunhar sua existência como para transmitir informação, pois revelam os fatos, os acontecimentos, as situações diversas do seu cotidiano. Os suportes foram os mais diversos como a argila, o papiro, o pergaminho e o papel que surgiu na China aproximadamente 123 a.C. Foi o surgimento do papel em conjunto com o surgimento da imprensa (por volta de 1453) que, entre outros fatos históricos, revolucionou a civilização e democratizou a cultura e a disseminação da leitura.

Partindo então, do pressuposto que a palavra escrita e, conseqüentemente, a sua leitura podem ser compreendidas como um indicativo de fundamental importância para o desenvolvimento da civilização e a capacidade intelectual das pessoas, surpreende-me que os adolescentes atuais parecem pouco motivados a obter qualquer tipo de informação que necessite um pouco de esforço intelectual. O modo de vida de hoje e que possibilita inúmeras opções de lazer, a ascensão dos meios de comunicação (a televisão), as redes sociais, os mensageiros instantâneos (*Orkut, Facebook, Windows Live Messenger, Yahoo!Messenger*) entre outros, são um grande atrativo pela interação que possibilitam e afastam os adolescentes do livro, suporte importante para o desenvolvimento da capacidade verbal.

Certamente que a leitura não deve se prender unicamente ao texto escrito. Situando-se os adolescentes dentro de um mundo sígnico, todas as formas de linguagem devem ser acompanhadas, pois reflete o processo histórico-cultural da humanidade em um contexto que também precisa ser pensado com criticidade. Estas relações dinâmicas pressupõem descobertas, conhecimento e trazem, principalmente, transformações.

Enquanto aluno de uma escola pública que ainda hoje enfrenta problemas com a disponibilização das novas tecnologias de informação, o adolescente, supostamente, tem mais acesso à palavra escrita o que contribui segundo alguns especialistas, concretamente para a construção de um aluno-leitor, pois permite maior reflexão em detrimento à passividade exposta frente aos meios de comunicação de massa (televisão, rádio).

A escola e a biblioteca, em princípio, seriam coadjuvantes nesta ampliação do

olhar sobre o mundo que cerca o estudante do Ensino Médio, pois no acervo da biblioteca deve constar os mais diferentes materiais informacionais possibilitando o olhar sobre as vivências/experiências dos mais diferentes autores, ou o confronto de contextos (estudante/autor) para que possa, então, construir novos significados.

Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, efetuada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), com a coordenação do Observatório do Livro e da Leitura (2007/2008) ficou constatado que os jovens em idade escolar são os que mais leem no Brasil. Contudo, o índice de leitura no Ensino Médio é menor que no Ensino Fundamental, o que parece justificar a suposição de que os adolescentes não possuem a prática da leitura, muitas vezes desenvolvida e adquirida nas séries iniciais, mas que acabam esquecidas, ou pouco trabalhadas no decorrer dos estudos. Ações de promoção de leitura é uma necessidade urgente dentro deste contexto, pois atualmente existe uma diversidade muito grande de materiais de leitura que os jovens precisam conhecer.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) efetuada no ano de 2008, os jovens brasileiros, em idade entre 15 e 24 anos, representam hoje quase 20% da população e são as maiores vítimas do tipo de desenvolvimento social e econômico do país onde crescem, entre outros fatores, as desigualdades sociais, a exclusão e o individualismo. Porém, estes jovens também são os mais capazes de assimilar as novas tecnologias que modificam os sistemas de informação e produção e devem participar das grandes inovações do mundo contemporâneo. Como acompanhar todo este desenvolvimento? Lendo. Em busca de novas informações, de novas tecnologias, produzindo novos conhecimentos.

O jovem cursando o Ensino Médio está a caminho de uma universidade em busca de uma profissão, uma especialização ou entrar para o mercado de trabalho. Para ter êxito em qualquer uma destas alternativas necessitará do conhecimento adquirido através da leitura e de informação diversa. Sob este ponto de vista, os estudantes estão (ou deveriam estar) em uma situação bastante privilegiada, pois inseridos no ambiente escolar têm a prerrogativa de ter acesso a uma fatia do melhor que a escola e a sociedade produzem, o conhecimento.

É claro que no ambiente escolar, a leitura ainda é trabalhada com o foco voltado apenas para o presente, principalmente, no último ano do Ensino Médio quando as leituras obrigatórias para quem vai prestar o vestibular se tornam muito

importantes. Mas, independentemente das distorções, do despreparo do magistério (apontados em inúmeros estudos), das questões relacionadas às teorias da idade apropriada para determinadas leituras, da falta de profissionais habilitados e acervos precários nas bibliotecas das escolas públicas, ainda é possível reverter esta realidade e trabalhar o prazer de ler, inclusive, além dos bancos escolares.

A escola pública, objeto deste trabalho foi escolhida por manter em suas classes jovens estudantes, normalmente carentes economicamente e, por isso, com menor possibilidade de acesso a materiais informacionais. Por sua vez, as bibliotecas destas instituições possuem acervos constituídos, principalmente, de doações e materiais desatualizados que, na maioria das vezes, não condizem ou não satisfazem às necessidades e realidades de leitura dos alunos. Essas escolas também sofrem com a falta de recursos financeiros, com carência de material e de profissionais (professores e funcionários). Contudo, atualmente existe um número muito grande de projetos, programas e iniciativas permanentes da União, Estados, Municípios e sociedade em geral para amenizar estas distorções e qualificar os profissionais envolvidos com o livro e a leitura.

1.1 Justificativa

A sociedade contemporânea está fundamentada na informação e no conhecimento. O indivíduo que não é letrado, que não tem acesso aos diferentes suportes de leitura e de recursos tecnológicos torna-se um sujeito excluído dentro da sociedade e, significativamente, do mercado de trabalho.

Como se não bastasse, o Brasil é um país com desigualdades sociais muito grandes, o que obriga uma parte considerável dos brasileiros a estudarem em escolas públicas, que por sua vez, são subsidiadas com poucos recursos. As escolas públicas estão “sucateadas”, os professores desvalorizados e os alunos não encontram neste espaço estímulo, interesses, valores e aspirações para construir uma realidade diferente da qual estão vivenciando. A biblioteca escolar em geral encontra-se isolada, não integra o projeto pedagógico da escola e possui material informacional e cultural desatualizado. Resultado: a leitura não encontra legitimidade nesse espaço que deveria ser um dos berços desta atividade.

Considerando minha história particular de estudante de escola pública, onde não havia biblioteca e proporcionando a minha filha adolescente condições contrárias, isto é, incentivo à leitura desde o nascimento, aquisição dos mais diferentes suportes, escola particular e bibliotecas em melhores condições, a leitura não se efetivava! Preocupação de mãe: o que está acontecendo? Finalmente, depois de muito brigar com as leituras obrigatórias, uma sugestão carinhosamente dada por uma professora de um livro que constava no acervo da biblioteca, despertou-a para a leitura!

Considerando minha história, a preocupação com a ausência de leitura em plena adolescência de minha filha, observando seus amigos adolescentes que também não efetuavam leituras e a importância que a falta da mesma fez no meu desenvolvimento, surgiu o interesse na temática da pesquisa.

A escolha deste tema deve-se, também, ao conhecimento de campanhas ao fomento do livro e da leitura divulgadas através da imprensa, que são inéditas, tendo em vista que o assunto não era considerado relevante dentro da sociedade brasileira. Fator preponderante foi o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)¹ do Ministério da Educação, que tem como objetivo prover às bibliotecas escolares dos mais variados gêneros de leitura, para entre outros fatores incentivar os alunos à prática da leitura.

1.2 Objetivos

Os objetivos deste trabalho estão divididos em geral e específicos, conforme será apresentado na seqüência.

¹ Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html>. Acesso em: 11 jun. 2009.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é verificar se os estudantes do Ensino Médio de escola pública em Porto Alegre leem.

1.2.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos deste trabalho:

- a) identificar as necessidades dos adolescentes do Ensino Médio na busca de leitura e, se a praticam através do acesso e do uso da biblioteca escolar ou através de outros meios;
- b) analisar os dados coletados sobre as práticas de leitura se acontecem ou não;
- c) propor alternativas para incentivar a leitura e a formação do leitor, através da biblioteca, para adolescentes do Ensino Médio.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção será exposto um pouco da teoria geral, isto é, não voltada especificamente para estudantes do Ensino Médio, mas desenvolvida por profissionais consagrados, autores e pesquisadores, que atuam na área da educação, do fomento à leitura e ao livro, assim como a citação de algumas iniciativas/projetos atuais de incentivo a leitura.

Na contextualização figuram questões como: ler – para quê?; parceiros para o incentivo a leitura; grandes projetos no Brasil e biblioteca escolar e a responsabilidade de “manter” o leitor.

2.1 Ler - Para Quê?

*Um público comprometido com a leitura é crítico,
rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em
lemas que alguns fazem passar por idéias.
Mário Vargas Llosa*

O dicionário Houaiss (2001) conceitua ler como o ato de percorrer com os olhos um texto, uma palavra, interpretando-os “por uma relação estabelecida entre as seqüências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos, ideográficos) e os sinais lingüísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras, indicações gramaticais)”.

Entretanto, a leitura não se limita a simples questão da alfabetização (capacidade de decifração), pois necessita priorizar a prática social que o ato de ler concede aos sujeitos, o letramento. Segundo Soares (2004) este inter-relacionamento pressupõe “além do conhecimento do código o uso da leitura e da escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de texto [...]”, para responder às exigências da sociedade atual. Então, a leitura pode ser conceituada como a apreensão, a compreensão de algo que pode ser um texto, uma imagem e que vai gerar uma relação (interpretação individual) entre um leitor e um objeto (um texto), levando em conta todo um referencial do mundo (contexto) em

que este leitor está inserido. A leitura do mundo e a leitura da palavra devem estar entrelaçadas, diferenciando-se uma da outra pelo tipo de linguagem e pelos suportes utilizados. Averbuck (1983, p. 15) corrobora com esta afirmação quando diz que:

[...] a realidade é bem mais do que o livro, e a leitura evidentemente, não é tudo. É preciso considerar que no horizonte das expectativas do leitor [...] estão às expectativas de sua época, de sua classe, daquilo que o forma e que faz parte de sua realidade (extra-literária).

A leitura da palavra escrita, por sua vez, é efetuada para compreender melhor a realidade que nos cerca independentemente da idade que se possui. Instiga a inteligência, a imaginação, oferece recursos conceituais e verbais para explicar tudo que parece tão inexplicável em determinado momento. Abre portas, cria possibilidades, amplia a visão de mundo que o indivíduo vai criando, formando com suas vivências. “A leitura é uma lente de aumento que nos permite avaliar melhor a realidade” de acordo com Perissé (2005, p. x).

Leitura também pode ser um caminho para o aperfeiçoamento pessoal, pois além de possibilitar o enriquecimento cultural permite enfrentar e vencer com maior destreza os obstáculos presentes no dia-a-dia. É o caminho da inserção/ascensão social; da empregabilidade (qualificação pessoal), da tomada de consciência de cidadania com seus direitos e deveres. Possibilita a transformação do jeito de ser e agir dos indivíduos, construindo outro “eu”, melhorando como ser humano. Souza (1998, p. 17) aponta:

Pela significação que tem para o ser humano, pelo quanto a leitura representa de possibilidades de emancipação, o domínio da capacidade de ler precisa ser encarado como um direito do homem. Ao conquistar esse direito e ao exercê-lo, o sujeito estará liberto da alienação, melhor preparado para ser, portanto, emancipado.

A taxa de analfabetismo segundo a PNAD (2008) apesar da redução constante nos últimos anos, ainda está muito presente entre os jovens brasileiros

(10%), refletindo nos índices de não leitores e contribuindo para o atraso do desenvolvimento social do país.

É difícil entender, na sociedade contemporânea, como um indivíduo sobrevive em um meio com tanta informação escrita. Ler é um ato vital. A leitura propicia estar no mundo, atento ao seu contexto, sujeito dos processos de evolução/transformação da humanidade. Bauman (1998, p. 17) diz que “Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada. Cada um ingressa no mundo pré-fabricado em que certas coisas são importantes e outras não [...]”. Seguindo este mesmo raciocínio Paiva (2009, p. 142) salienta que a leitura permite:

[...] mostrar a diversidade e complexidade do homem, as diferenças, o desigual, o estrangeiro, e ao eliminar barreiras de tempo e espaço, desenvolve sua compreensão, tolerância, senso de igualdade e justiça social, sentido de relatividade e de pequenez de nosso tempo e lugar.

Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007/2008) apurou-se que 35% dos brasileiros conhecem alguém que se destacou na vida através da leitura. A pesquisa também aponta que, hoje, os brasileiros estão lendo, em média, 4,7 livros por habitante/ano, superior ao ano de 2007 que era de 1,8 livros. Em um país onde a leitura não encontra legitimidade, os índices parecem bastante favoráveis.

É preciso estar sempre disposto, motivado a apreender, a explorar e a experimentar novos conhecimentos, pois a informação está cada vez mais acessível, mas a sabedoria que é uma característica elementar do conhecimento só pode ser encontrada nos diferentes tipos de leitura que se efetua. Perissé (2005, p. 98) faz a seguinte colocação:

A leitura faz parte de uma educação para a mudança, para a transformação, para a personalização. Mudança que significa, numa primeira instância, identificar concepções equivocadas, desorientadoras, patológicas. Transformação da pessoa em pessoa, que trará, por conseqüência, mudanças no âmbito da sociedade, do coletivo, da convivência. Não uma leitura da mudança pela mudança. Não se trata de fazer mudanças espasmódicas geradas pela falta de norte (desnorreamento), pela falta de oriente (desorientação), pela falta de uma bússola existencial. Aprender a mudar, não com o intuito de evitar os inevitáveis conflitos, mas para canalizar a energia conflitante e criar novas situações, novos rumos.

Como a leitura é um processo complexo, com características intelectuais e subjetivas, o leitor, de preferência, precisa estar imbuído de intencionalidade, tem que querer buscar associações do conteúdo lido com sua vida, pretender novos significados. Mas, saber ler é, também, não se deixar dominar pela veracidade absoluta, imutável do que está escrito. O bom leitor deve ter consciência que um texto retrata um determinado contexto e que este pode ter muitos significados abstratos.

Complementando esta afirmação e efetuando uma analogia com Goulemot (1996, p. 115) a leitura de um texto, por exemplo, ganha sentido quando se efetua uma relação com o que foi lido antes deste, um movimento redutor ao já conhecido. A leitura, então, se transforma em um jogo de espelhos, pois permite reencontrar todo o saber anterior, além do que, oportuniza a revisão de conceitos prévios que o indivíduo possuía e a construção de uma nova visão sobre as coisas.

Segundo alguns estudos presentes na literatura, quando a motivação para a leitura não se efetiva na infância exige muito mais esforço e determinação para ter uma continuidade, alcançar objetivos diversos e até para formar um pensamento crítico (reflexão que leva a decisão sobre o que fazer ou acreditar) sobre o mundo em que o sujeito está inserido. Imagino que o estudante do ensino médio da escola pública deve sentir esta dificuldade, tendo em vista que os problemas relacionados ao acesso a leitura já estão presentes desde o Ensino Fundamental.

Outro dado refere-se à obrigatoriedade da leitura. Leitura não é apenas uma questão de informação, obrigatória, imposta por alguém. Leitura é preferência. É opção. Freire (1988, p. 17) afirma que:

A leitura não deve ser obrigatória, a leitura deve ser prazerosa, um bom livro lido com vontade é como vivenciar com os personagens suas emoções, sentir suas dores, suas alegrias, suas tristezas, ter seus anseios, seus desejos, seus temores, viver sonhos como se o leitor quando está lendo se sinta dentro da história junto com os personagens, mas sabemos que são poucos os leitores que lêem com prazer para assim se sentirem.

Leitura também pode ser efetuada pelo prazer de compartilhar novas descobertas com os amigos, com o prazer de fazer viagens imaginárias para outros lugares, épocas ou situações e por isso mesmo, ela se revela como uma atividade

prazerosa. Pode provocar medos porque traz surpresas, porque faz descobrir o oposto das coisas.

Contudo, quando se efetua a leitura de um texto que precisa ser estudado, por exemplo, Freire (1979, p. 9) faz a seguinte colocação:

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito, e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.

Esta leitura reflexiva contribui para que se conheça e torne claro, fatos do mundo material. Esta reflexão é o que permite a percepção de mundo. Quando o leitor se deixa mover pela curiosidade, pelo desejo de crescer, ele se renova constantemente tornando-se assim cada dia mais apto para estar no mundo. Torna-se capaz de compreender até as “entrelinhas” daquilo que ouve e vê no contexto em que está inserido, expandindo seus horizontes e suas expectativas. Aprimora o seu senso crítico e colabora para que possa manifestar-se ante manipulações ideológicas que tanto provocam, por exemplo, medo, violência e desigualdades sociais.

O adolescente, figura principal deste trabalho, precisa ler para continuar desenvolvendo a capacidade de escrever, para aprimorar a oratória, ler para interagir com o mundo, requisitos essenciais para, por exemplo, no contexto econômico do aluno da escola pública, participar do mercado de trabalho tão exigente neste momento.

A caminho da independência pessoal e financeira, o ato de ler para o adolescente, poderá contribuir para dar sentido aquelas convicções que já estão em processo de afirmação ou para que possa traduzir-se em uma atitude de reflexão sobre as experiências acumuladas e desta forma oportunizar novas experiências.

Enfim, as definições e os conceitos para o prazer de se efetuar a leitura em formato de textos, imagens, sons, gestos, são inúmeros, seja qual for o caráter e a necessidade da mesma e, que esta possa acontecer de forma sedutora!

2.2 Parceiros para o Incentivo à Leitura

*Quem mal lê, mal fala, mal ouve, mal vê.
Monteiro Lobato*

O país tem um histórico desmotivador no âmbito das políticas público-culturais de popularização da leitura, do livro e das bibliotecas. Os projetos são falhos, lentos e, quando acontecem, são implantados de forma desigual ou não tem continuidade (políticas eleitoreiras), não possuem articulação coerente de medidas para transformar o baixo índice de leitura entre a população do país. Aliás, uma boa olhada no cenário educacional brasileiro é possível perceber que a palavra leitura e biblioteca, principalmente, biblioteca escolar é quase um “palavrão”. Fato problemático, tendo em vista que, não há valorização para formação educacional dos cidadãos.

Por exemplo, segundo a PNAD (2008) a taxa de analfabetos no país, na faixa etária de 10 e 24 anos caiu 8%, mas a pesquisa também aponta que o país ainda possui um total de 21% de analfabetos funcionais com 15 ou mais anos de idade. Índice considerado ainda muito alto e mostra que novas políticas educacionais e de letramento precisam ser postas em prática urgentemente. De acordo com Ribeiro (1997) o analfabeto funcional não consegue extrair sentido das palavras, não tem domínio pleno da leitura e da escrita.

Diante das questões econômicas e sociais do país, muitas crianças brasileiras, infelizmente, só têm ou terão acesso aos livros e a outros suportes de informação por meio das bibliotecas públicas e escolares. Neste contexto, os maiores problemas estão centrados nas periferias dos grandes centros e na zona rural onde reside uma parcela significativa dos estudantes freqüentadores da escola pública.

Outrossim, apesar do pessimismo inicial é preciso reconhecer que existem atualmente diversas forças sociais (órgãos governamentais, agentes sociais, lideranças políticas, universidades, entre outros) promovendo campanhas de acesso, disseminação e debates em prol da leitura. Recentemente no Fórum

Nacional Mais Livro e Mais Leitura nos Estados e Municípios² realizado na cidade de Brasília-DF, o ministro da Cultura Juca Ferreira, afirmou que:

Temos uma dívida histórica com o Livro e a Leitura no Brasil, onde houve um razoável abandono de investimentos nessa área, acreditando-se que a modernidade e a contemporaneidade representavam o enterro do livro, o que não aconteceu.

Esta afirmação demonstra que o governo atual está ciente da importância da leitura, mas que ações anteriores foram equivocadas. Talvez um reflexo claro da falta de formação sólida dos projetos pedagógicos que rondam nossas escolas há décadas e, que partem exatamente dos órgãos federais. Contudo, para atender as demandas do livro e da leitura são, justamente, no âmbito do Governo Federal que estão centrados os programas mais amplos, com ações voltadas para a implantação e modernização de bibliotecas, distribuição de livros didáticos, entre outros e que serão detalhados ainda dentro deste estudo.

Também estão em andamento projetos de instituições da sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter cultural, com propósito de facilitar o acesso à informação.

Infelizmente, alguns investimentos têm recebido muitas críticas nesta área do livro e da leitura. Exemplo de crítica é o programa que visa à instalação de bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros. Iniciativa louvável? Sim, mas se não for readequado conforme opinião de especialistas, a tendência será apenas mais um acervo depositado nas estantes (BRANT, 2009). É necessário em conjunto com esta iniciativa de criação de novas bibliotecas e salas de leitura³ colocar um profissional qualificado, para tratar o acervo e mediar junto à comunidade de usuários a informação ali disponibilizada. “A leitura não nasce, porque quem a faz nascer e existir são seus leitores com a mediação dos educadores de biblioteca” (ARENA, 2009, p.164).

Outro fator importante que deve ser considerado neste tipo de projeto, refere-se à atualização deste acervo inicialmente disponibilizado e, se o mesmo atende

² Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2009/10/07/mais-livro-e-mais-leitura/>>. Acesso em: 8 out. 2009.

³ Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2009/07/09/maior-acessibilidade-literaria/>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

realmente as necessidades informacionais da comunidade no qual está inserido, pois não basta sair distribuindo livros. Suaiden (2004) alerta:

Poucas bibliotecas públicas conseguem ter uma interação adequada com a comunidade, pois geralmente não utilizam técnicas de elaboração de diagnóstico para conhecer detalhadamente a situação dos leitores reais e potenciais do seu município.

Ainda sobre as bibliotecas públicas é bom lembrar que, por uma herança cultural, dificultando o acesso à informação para aquelas pessoas que mais necessitam, as bibliotecas públicas com seus prédios grandes e suntuosos estão localizadas na maioria das cidades brasileiras, em áreas centrais, dentro de comunidades que supostamente não necessitam dos seus serviços. Outro agravante que dificulta a prestação de seus serviços deve-se ao fato de que as mesmas devem atender uma comunidade heterogênea (ainda suprem as deficiências da biblioteca escolar) com relação aos interesses de informação e leitura. Os recursos governamentais disponíveis são insuficientes para atender a variados tipos de demanda.

Fato relevante e presente nas discussões atuais na imprensa nacional, diz respeito às condições socioeconômicas precárias de um grande contingente de brasileiros, que não permitem o consumo da produção editorial, que é bastante significativa no país tornando este fato um dos principais obstáculos para a superação dos problemas educacionais e de desenvolvimento nacional.

O livro, hoje, no Brasil ainda tem um custo final muito alto se comparado com a renda dos brasileiros, principalmente, das classes C/D/E. Fato que deverá ser contornado com a criação do Fundo Setorial Pró-Leitura, do Ministério da Cultura, que pretende desonerar do PIS/COFINS editores, distribuidores e livreiros, na ordem de 0,33% cada um, sobre o preço final do livro ao consumidor em sua instância de produção ou comercialização⁴. Cabe aqui salientar que medidas semelhantes já haviam sido tomadas pelo governo federal⁵, mas não obtiveram resultados positivos.

⁴ Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/texto_ler.php?id=6229&secao=25>. Acesso em: 19 set. 2009.

⁵ Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/texto_ler.php?id=6730&secao=6>. Acesso em: 17 nov. 2009.

Amorim (2007) incentivador das políticas públicas do livro e da leitura diz que:

Os governos, de sua parte, têm se empenhado mais e mais, independente das cores partidárias e de suas convicções ideológicas. Ninguém, afinal, é contra o livro e sua capacidade extraordinariamente transformadora. Não há nos dias de hoje, quem duvide de sua efetividade na melhoria da educação e contribuição verdadeira para alavancar as ciências. Ou de fazer a sociedade, de forma permanente, evoluir e construir os alicerces para transformar, daqui a algumas décadas, o planeta num lugar melhor para viver e para sonhar, onde as pessoas se tratem de fato como irmãos, se percebam e deixem fluir valores que realmente importem e façam a diferença entre ser ou não ser feliz.

No Rio Grande do Sul muitas destas iniciativas e projetos, para o acesso e disseminação da leitura que acontecem em todo o Estado, estão sendo divulgados sistematicamente pelos jornais. Bem estruturados, conquistam o reconhecimento junto ao Ministério da Educação e da Cultura, ganham prêmios e, são divulgados em nível nacional para que sirvam de estímulo a outros empreendedores. No entanto, alguns destes projetos são efetuados por escolas para atender crianças do Ensino Infantil e Fundamental não privilegiando o Ensino Médio.

Outra iniciativa com foco na leitura, parte das editoras com o lançamento de adaptações de obras clássicas para versões mais populares, tornando a linguagem mais acessível e o custo financeiro menor, com a intenção de elevar o número de leitores. Entretanto, é necessária uma avaliação crítica conforme aponta Barros (2006, p. 33) porque desta forma as obras originais “vão-se se distanciando cada vez mais dos jovens e os adolescentes têm contato, portanto, com uma literatura de segunda mão; quando não, fragmentada”.

Investimento considerável por setores da sociedade, governos federal, estadual e municipal são efetuados nas feiras de livro que acontecem em muitas cidades brasileiras. Eventos muito significativos quanto à disseminação da leitura, mas que ainda atinge apenas uma parcela específica da população, isto é, com poder econômico para adquirir obras ali expostas. A Feira do Livro de Porto Alegre, a maior feira em espaço aberto da América Latina, desde sua primeira edição tem como objetivo popularizar o livro. Altamente elogiável, com muitos eventos culturais alternativos (palestras, exposições, teatro, música, biblioteca, hora do conto, etc.) de forma gratuita, mas acontece no centro da cidade, embora este seja um espaço

muito democrático dentro das cidades, a descentralização para as periferias ainda é muito tímida e atinge apenas três bairros de Porto Alegre⁶.

Todavia, a feira também dispõe de uma biblioteca (Biblioteca do Cais) que oferece um acervo de referência em literatura infantil, juvenil e possui: sala de leitura, a Vitrina da Leitura (onde se apresentam projetos relevantes da área), a Estação Multimídia (integrada pelo Espaço Sensorial, acervo de livros em braille e audiolivros, cabine de audição e terminais de computador dotados do programa *Virtual Vision*) mostrando que os coordenadores da mesma estão sintonizados com as questões da acessibilidade.

Outra grande referência no Rio Grande do Sul é a Jornada de Literatura de Passo Fundo⁷ que acontece de dois em dois anos e reúne uma variedade de eventos culturais gratuitos como: feira do livro exposições, conferências, mostras fotográficas, teatro, mostra de filmes, palestras com autores, etc. A 13ª jornada que ocorreu no mês de outubro/2009, movimentou um público muito grande de escritores e leitores que buscaram trocar experiências sobre o trinômio educação-arte-tecnologia.

Dentre as iniciativas privadas encontram-se as livrarias, independentemente da questão econômica, disponibilizam de forma bastante democrática o conhecimento produzido no país e exterior. É preciso lembrar que até bem pouco tempo não se podia abrir um livro, uma revista sem antes passar pelo caixa e efetuar o pagamento dos mesmos. Hoje, é possível entrar em uma livraria acomodar-se em um sofá e ler tranquilamente uma obra, sem a necessidade de adquiri-la e, ainda, com a possibilidade de saborear um delicioso café. Da mesma forma existem cafeterias que disponibilizam enquanto seus clientes consomem seus produtos, revistas, jornais e livros, inclusive, para empréstimo domiciliar, como é o caso da Cafeteria Bonobo em Porto Alegre⁸.

Outra opção, a princípio nas grandes cidades, são as locadoras de livros que oferecem vários planos de locação e normalmente possuem os últimos lançamentos da literatura mundial. Em Porto Alegre, em princípio, existe apenas uma locadora de

⁶ Disponível em: <<http://www.feiradolivro-poa.com.br/feira.php>>. Acesso em: 28 out. 2009.

⁷ Disponível em: <<http://www.jornadadeliteratura.upf.br/2009/>>. Acesso em: 30 out. 2009.

⁸ Disponível em: <<http://www.cafebonobo.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2009.

livros localizada na zona sul da cidade (Brincalettras) que dispõe também audiolivros⁹.

A evolução tecnológica que envolve o mundo, as organizações e as pessoas atingem praticamente todas as atividades e favorece a veiculação livre e rápida de grande volume de informações, principalmente, via internet. Em diversos endereços eletrônicos é possível acompanhar iniciativas de grupos particulares ou universitários que têm como propósito o estudo, a pesquisa, divulgação, promoção do livro e do prazer da leitura. Em alguns destes endereços os profissionais que atuam nas escolas podem buscar inspiração para elaboração, implantação de projetos, ou para que percebam o papel social que o livro e a leitura desempenham na construção da cidadania dos sujeitos. Abaixo relaciono alguns destes sites:

- *Agência de Notícias Brasil Que Lê* - disponibiliza as últimas notícias sobre livros e leituras no Brasil (<<http://www.blogdogaleno.com.br/>>).
- *Associação de Leitura do Brasil (ALB)* – encontram-se sugestões e informações de interesse, principalmente, de profissionais ligados à área da educação (<http://www.alb.com.br/portal.html>>).
- *Portal Amigos do Livro* - pertence ao Grupo Editorial Scortecci; endereço para estudo, pesquisa, divulgação e promoção do livro e do hábito da leitura (< <http://www.amigosdolivro.com.br/home.php>>).
- *ONG LeiaBrasil* - que tem como missão o incentivo e a promoção da leitura como ferramenta para o combate ao analfabetismo funcional (<http://www.leiabrasil.org.br/index.php?leia=principa>>).
- *A Tela e o Texto* - Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) voltado para a formação de leitores de telas e textos (<<http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/index.html>>).

⁹ Disponível em: <<http://www.brincalettras.com.br/>>. Acesso em: 2 out. 2009.

- *Grupo de Pesquisa: Leia Leitura, Informação e Acessibilidade* - divulga estudos, projetos, pesquisa, produção e publicação científica nas áreas da Ciência da Informação, Educação, Informática na Educação e áreas afins (<<http://leia-fabricoufrgs.blogspot.com/>>).
- *Biblioteca da Escola Estadual Técnica em Saúde do Hospital de Clínicas de Porto Alegre* - o objetivo de divulgar, principalmente, informações e novidades úteis a comunidade escolar traz muitos links sobre leitura (<<http://bibliotecaets.blogspot.com/>>).
- *Instituto C&A* - oferece apoio técnico e financeiro a programas e projetos desenvolvidos por instituições da sociedade civil também dedicada à educação de crianças e adolescentes. (<<http://www.institutocea.org.br/instituto/site/content/atuacao/>>).
- *Livros e afins* -, iniciativa de um jornalista onde enfatiza o prazer da leitura, dos livros e do mundo dos escritores e leitores (<http://livroseafins.com/>).

Parceiros de perfil inquestionável, as universidades disponibilizam um número muito grande de informações. A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, lançou um site que disponibiliza 3.000 livros para *download*, com planos de aumentar o catálogo para 25 mil títulos. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) permite através do seu site, acesso a Bases de Dados e Repositórios de forma livre, onde se encontra armazenado grande parte do conhecimento produzido no país contribuindo desta forma para o enriquecimento cultural da população.

Apesar das facilidades e uso da internet, a PNAD (2008) aponta que 31,2% dos domicílios têm microcomputadores e que apenas 23,8% dispõem do serviço *on-line*. O que se pode deduzir que o custo de um computador e provedor de acesso, apesar de algumas promoções disponíveis no mercado, ainda é muito oneroso. Além disso, infelizmente, o aluno carente tem dificuldade no acesso, seja por falta de oportunidade, seja por falta de conhecimento e mediação para encontrar o que deseja.

Empresas civis de médio e grande porte também estão empenhadas em criar pequenas bibliotecas para atender necessidades informacionais de seus funcionários contribuindo desta forma para o aumento dos índices de leitura. Igualmente promovem ações e campanhas para auxiliar entidades carentes. Exemplo recente que envolve a sociedade civil vem de uma campanha lançada no final do mês de outubro/2009, da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul em parceria com a Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL) para prover o Banco do Livro¹⁰. Os livros arrecadados através de doações são destinados a montagem de bibliotecas em presídios, hospitais e creches, espaços que o governo não consegue alcançar.

Dentro de todo este contexto controverso, pessoas comuns, inseridas em comunidades, principalmente as mais carentes, com históricos de vida pautados pela falta de informação esforçam-se para disponibilizar leitura e informação às suas comunidades formando em suas casas pequenas bibliotecas comunitárias¹¹. O acervo vai se constituindo de doações, como também de material de leitura encontrado até mesmo nos lixos da cidade (ALMEIDA, 2009).

Profissionais de várias áreas, também estão mais comprometidos em realizar um trabalho que mantenha o leitor ativo, procurando incentivar o prazer permanente da leitura. É o consenso de que o papel da prática social da leitura, o acesso a informação pode ser o diferencial para o crescimento pessoal, para o desenvolvimento nacional e da cidadania e, para o enfrentamento de questões como a pobreza e a violência.

Complementando esta idéia, o Manifesto da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) em conjunto com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicado no ano de 1994 diz que:

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos **quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade**. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e

¹⁰ Disponível em: <<http://www.livroinedito.com.br/>>. Acesso em: 27 out. 2009.

¹¹ Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/texto_ler.php?id=6517&secao=20>. Acesso em: 20 out. 2009.

sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.
(grifo nosso)

Esforços, diretrizes e iniciativas, apesar das críticas, estão em pauta para minimizar e consolidar políticas referentes ao livro e a leitura e percebe-se que existem muitos locais citados ou não, onde a leitura e o conhecimento estão disponíveis e a espera de leitores. Talvez o problema para a disseminação do prazer de se efetuar a leitura, seja realmente um problema cultural, a ausência de políticas educacionais sérias ou de profissionais comprometidos com o desenvolvimento social do país, algo que devemos superar. Outro fator significativo e que atualmente está em discussão é a ausência de mediadores da leitura, profissionais que disponibilizem informações, que disseminem de forma prazerosa o que está sendo produzindo, que tenham conhecimento crítico, enfim, que deem a diretriz para a oferta existente no mercado.

2.3 Grandes Projetos no Brasil

No Brasil, alguns projetos de grande porte para viabilizar o acesso a informação e a leitura, que abrangem um custo financeiro muito grande e envolvem muitas instituições e profissionais simultaneamente estão em andamento.

Destaque especial para o projeto proposto pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e dinamizado pelos Conselhos Regionais (CRBs), autarquias federais de fiscalização, que atuam no exercício da profissão do bibliotecário; registrando os profissionais em Biblioteconomia, fiscalizando o cumprimento do código de ética profissional e o funcionamento de bibliotecas dentre outros, que lançou o Projeto Mobilizador: Biblioteca Escolar Construção de uma Rede de Informação para o Ensino Público. O projeto propõe o estabelecimento de um amplo esforço nacional, visando promover maior qualidade no ensino público através da criação e implantação de uma rede de informação dinâmica e eficaz. Este projeto representa uma intervenção nas bibliotecas sob as seguintes perspectivas:

- a) **Social** – porque contempla, prioritariamente, a sociedade como público-alvo beneficiário;

- b) **Profissional** – tendo em vista que irá exigir a melhoria na qualidade do perfil do bibliotecário envolvido, tanto no atendimento ao público, quanto na operacionalização do sistema;
- c) **Educacional** – uma vez que diante da fragilidade, em termos legais e operacionais, da biblioteca escolar na Rede Pública de Ensino, e do importante papel que ela assume como complemento à sala de aula, na descoberta e na consolidação do conhecimento, é preciso que ela se fortaleça, inserindo-se em um contexto maior fazendo emergir deste cenário a necessidade da constituição de um sistema estruturado e dotado de permanência;
- d) **Filosófico** – motivado pela convicção de que a biblioteca escolar não pode ficar na dependência de uma legislação inconsistente ou ser levada com pouca seriedade no que tange a sua implementação, mas, ao contrário, seja sua situação inequívoca e leve em consideração que o conhecimento acumulado e registrado pelo ser humano ao longo do tempo é condição para a reflexão e o avanço nos mais diversos níveis; leitura e pesquisa, movidas até pela simples curiosidade, levam o usuário do acervo e da informação a dar um passo à frente.

O CFB acredita que o sistema proposto e o cumprimento dos objetivos específicos, permitirão uma boa articulação entre as bibliotecas escolares favorecendo a integração das atividades a serem desenvolvidas nas diversas unidades, articuladas com objetivos comuns e voltadas para um ensino forte e de qualidade. Os objetivos específicos do projeto são:

- a) constituir uma rede de atores institucionais nos diversos segmentos sociais que atuam em prol da biblioteca escolar e as autoridades educacionais, com o intuito de que sejam atendidos os aspectos de política pública voltada para a concretização deste projeto;

- b) diagnosticar a situação institucional da biblioteca escolar na rede pública de ensino brasileira, tomando-o como ponto de partida para o planejamento subsequente;
- c) levantar as condições das diretorias de ensino, como pré-requisito para a implantação de uma rede de informação para o ensino público, progressivamente em âmbito local, municipal, estadual, e assim por diante;
- d) identificar, nos diversos níveis de governo, os projetos oficiais já existentes que possam ser úteis e facilitar a implantação da presente proposta, em situação mais ampla;
- e) acompanhar o desenvolvimento do projeto e paralelamente criar condições para que, depois de implantada, a rede inicial possa vir a evoluir para uma estrutura de sistema e supere a inconsistência e a efemeridade que têm caracterizado as coisas da educação no país;
- f) constituir um fórum permanente de discussão nacional sobre a problemática da biblioteca escolar para que se organize um espaço para o pensar e o planejar da mediação do saber;
- g) provocar a formação de bibliotecários escolares no âmbito da pós-graduação lato sensu de modo a favorecer a geração de profissionais críticos, capazes de consolidar a proposta por ora apresentada.

No Rio Grande do Sul, no mês de março do corrente ano, constituiu-se o Fórum Gaúcho de Bibliotecas Escolares¹² com o intuito de discutir e implementar o Projeto Mobilizador, através de encontros mensais. Iniciativa tomada pelas seguintes entidades: Conselho Regional de Biblioteconomia 10ª Região, Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da URFGR, através do Núcleo de Informação e Leitura (NIL) e a Comissão de

¹² Disponível em: <<http://forumbibliotecasrs.wordpress.com/>>. Acesso em: 27 out. 2009.

Educação, Cultura, Esportes e Juventude da Câmara Municipal de Porto Alegre(CECE).

Abaixo três grandes projetos do governo federal que estão em andamento.

2.3.1 Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)

O programa tem como objetivo promover o acesso à cultura e o incentivo à formação do hábito da leitura nos alunos e professores da rede pública de ensino, por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Estas obras são compostas de textos em verso, poemas, livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação tem a responsabilidade da gestão do programa e os recursos financeiros vêm do Orçamento Geral da União e da arrecadação do salário-educação.

Desde que foi criado em 1997, o mesmo vem se modificando e se adequando à realidade e às necessidades educacionais do país. É responsável quase que exclusivamente, pela constituição e distribuição de acervos de literatura para as escolas públicas. Em princípio atendia apenas o ensino fundamental, mas, a partir de 2008 estendeu suas atividades para o Ensino Infantil e Ensino Médio.

2.3.2 Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)

Criado em 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional órgão do Ministério da Cultura, o programa tem como sede a Casa da Leitura na cidade do Rio de Janeiro e tem o objetivo de promover através de ações afirmativas o interesse e políticas públicas que garantam o acesso ao livro e a leitura para a formação de leitores respeitando as diversidades culturais e sociais do país.

O objetivo é implantar atividades de práticas leitoras, na formação de agentes de leitura e na valorização e utilização de bibliotecas públicas e escolares. Suas diretrizes são:

- a) Diversidade de ações e de modos de leitura manifestados nas práticas de leituras promovidas, nos locais e instituições abrangidos, nos gêneros textuais considerados e nas atividades organizadas;
- b) especificidade do ato de ler, entendendo-se que atos de leitura exigem modos próprios e competências específicas;
- c) articulação entre leitura e cultura, não se compreendendo a leitura fora dos contextos nos quais se expressam a riqueza da vida humana e suas produções;
- d) prioridade da esfera pública, concretizando-se ações voltadas aos interesses da maioria da população leitora e não-leitora. Como é ela que, de modo geral, concentra a maioria das ações e dos agentes de leitura -- professores das redes públicas --, deve-se pensá-la como irradiadora das práticas leitoras;
- e) publicidade da leitura, enfatizando-se que ela precisa ser tema na cena social;
- f) democratização do acesso à leitura, pela disponibilização de material de leitura em bibliotecas escolares e públicas, em salas de aula e de leitura em locais públicos.

O programa desenvolve ações nacionais em parceria com secretarias de cultura e de educação (municipais ou estaduais), universidades, bibliotecas, ONG's e outras instituições, estabelecendo convênios e constituindo Comitês. Estes comitês são formados por entidades sem fins lucrativos e compostos por um Coordenador e demais profissionais envolvidos com leitura, isto é, professores, dirigentes, etc., pertencentes a instituições diversas e que atuam na implementação

das atividades de práticas leitoras, na formação de agentes de leitura e na valorização e utilização de bibliotecas públicas e escolares. No Rio Grande do Sul, de acordo com o site, apenas a cidade de Caxias do Sul através da Secretaria Municipal de Cultura está inserido nesta ação com o propósito de atender 14 municípios.

2.3.3 Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)

O PNLL abrange um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade. A prioridade do PNLL é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro.

Este plano possui quatro eixos estratégicos de ação: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de mediadores; valorização da leitura e da comunicação e o desenvolvimento da economia do livro. Importante destacar que na democratização do acesso está previsto a melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura e a incorporação e uso de tecnologias de informação e comunicação.

O plano foi lançado em 2006, tinha alguns objetivos delineados para serem alcançados a curto, médio e em longo prazo. Abaixo alguns destes objetivos voltados mais diretamente à questão da leitura:

- a) formar leitores, buscando de maneira continuada substantivo aumento do índice nacional de leitura (número de livros lidos por habitante/ano) em todas as faixas etárias e do nível qualitativo das leituras realizadas;
- b) implantação de biblioteca em todos os municípios do país (em até 2 anos);
- c) implementação e fomento de núcleos voltados a pesquisas, estudos e indicadores nas áreas da leitura e do livro em universidades e outros centros;

- d) expansão permanente do número de salas de leitura e ambientes diversificados voltados à leitura;
- e) identificação e cadastro contínuos das ações de fomento à leitura em curso no país;
- f) elevação significativa do índice de empréstimos de livro em biblioteca (sobre o total de livros lidos no país);
- g) aumento do índice per capita de livros não-didáticos adquiridos; ampliação do índice de pessoas acima de 14 anos, com o hábito de leitura que possuam ao menos 10 livros em casa;
- h) estimular a criação de planos estaduais e municipais de leitura (em até 3 anos);
- i) apoiar o debate e a utilização de copyrights não-restritivos (copyleft e creative commons), equilibrando direito de autor com direitos de acesso à cultura escrita.

2.4 Biblioteca Escolar e a Responsabilidade de “Manter” o Leitor

*“Por meio do conhecimento (sehaypóri) é que compreendemos a razão por que estamos no mundo e porque somos o que somos, pois não estamos aqui somente para viver, mas sim para saber viver.
Provérbio Mawê*

A palavra biblioteca tem origem grega (*Bibliotheca*) e é formada pelos termos *biblion* (livro) e *theke* (estojo, compartimento, escaninho). Embora seja essa a origem da palavra ela é anterior aos livros, pois na Antiguidade existiam tabletas de argila, rolos de pergaminho e de papiro. Com o advento do papel, - China,

aproximadamente no ano 213 a.C (MARTINS, 2002, p. 11) foram surgindo no Oriente e na Europa as primeiras Bibliotecas de papel e mais tarde as Bibliotecas dos livros propriamente ditos.

No Brasil, as bibliotecas se desenvolveram de forma peculiar. A coleção particular da família real deu início a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1810), atualmente Fundação Biblioteca Nacional, a primeira biblioteca pública do país. A segunda Biblioteca pública pertencia ao Colégio dos Jesuítas (1811) na Bahia, que recebeu, inclusive, exemplares que havia em duplicidade na Biblioteca do Rio de Janeiro. (MARTINS, 2002, p. 359). Durante um longo tempo, tanto no exterior como no Brasil, as Bibliotecas limitavam as informações às altas classes sociais, ficando o conhecimento sob a tutela da nobreza, do clero e da magistratura.

Só no século XVIII iniciou-se a democratização da informação para as outras camadas da sociedade em função do desenvolvimento econômico, social e as exigências educacionais nos países. A partir de então a propagação das bibliotecas em função de sua tipologia – biblioteca nacional, pública, universitária, especializada, especial e escolar, esta última objeto deste estudo.

O conceito de biblioteca escolar para os leigos é uma sala cheia de estantes onde estão dispostos uma variedade de livros para realizar pesquisas, sem que estes percebam, entre outros detalhes, que existe todo um tratamento técnico especializado para esta disposição. Mas, para os alunos e educadores a biblioteca escolar deve ser vista como um local integral do processo educativo, que deve dar suporte à formação de leitores, o compartilhar de idéias e o estímulo à pesquisa. O Manifesto Biblioteca Escolar: a biblioteca escolar no ensino e aprendizagem para todos da IFLA/UNESCO (1994) afirma que:

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e idéias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

A biblioteca não pode se tornar um “adorno” da escola e, o seu acervo não pode ser visto como um produto ou mercadoria, mas sim como um bem onde se concentra o conhecimento. Também não basta apenas disponibilizar acervos. É

necessário viabilizar, promover o acesso ao conhecimento que este acervo possui para que o estudante possa ampliar o conhecimento de si próprio e do mundo que o cerca, assim como para seu amadurecimento psicológico e intelectual. Borba (2000) conceitua a biblioteca escolar como:

[...] um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação; facilita a recreação; apóia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula.

Igualmente, quando se refere às funções da biblioteca escolar, as diretrizes da IFLA/UNESCO sugerem algumas ações como: incentivo ao gosto pela leitura; incentivo para a freqüente utilização da biblioteca e de seus serviços; estímulo para o desenvolvimento do conhecimento pelos usuários; utilização da informação em suportes variados e atividades que possibilitem ações culturais e sociais. Estas ações indicam que as bibliotecas escolares desempenham funções de agente educacional, cultural e social quando prestam auxílio aos seus usuários no uso das ferramentas e dos sistemas de informação, educando-os para a autonomia na busca da informação pretendida. Possibilita desta forma a liberdade intelectual, ponto fundamental à formação da cidadania responsável e ao exercício da democracia.

Para Arena (2009, p. 165) a biblioteca escolar, no contexto atual da sociedade, não pode ser apenas meio de apoio as pesquisa recomendadas pelos professores, aspecto histórico das bibliotecas. O autor salienta que:

A identidade da biblioteca escolar supera a concepção de instituição de apoio e de complemento para alçar à concepção de espaço da cultura, da produção de leitura, da produção dos textos escritos e do porto de partida para a navegação pelo mundo virtual.

Britto (2009, p. 201) contrapõe parte desta afirmação, mas sem a intenção de propor um modelo estritamente tradicional de educação, centrado na disciplinaridade, com conteúdos fixos, até porque este modelo cumpre funções

sociais definidas, portanto, apenas respeitando às práticas atuais de ensino o referido autor diz que:

O aluno deve ir a biblioteca instruído pelo professor para aprofundar-se nos temas que está aprendendo na sala de aula e para conhecer outros assuntos que aparecem em função do estudo. [...] É preciso reconhecer que a diminuição da importância da Biblioteca resultou exatamente da perda da perspectiva de educação formativa.

A verdade é que a biblioteca da escola pública, muitas vezes, é o único espaço democrático onde os alunos que possuem uma situação economicamente desfavorecida podem superar suas limitações referentes à leitura, informação e cultura, sem aparentes restrições ou preconceitos. Segundo Campello (2002, p. 9) é neste espaço que este aluno também pode desenvolver a “competência informacional”, isto é, habilidades para lidar com as novas tecnologias da informação (computadores e redes eletrônicas) “aproximando o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia-a-dia, como profissional e como cidadão”. Portanto, o ensino e a biblioteca são elementos que se completam, uma vez que uma escola sem biblioteca não produz uma educação de qualidade e, uma biblioteca que não responde as necessidades da comunidade escolar, principalmente do aluno torna-se um recurso obsoleto.

Com o advento da sociedade da informação (sociedade que faz o melhor uso possível das tecnologias) e sob o domínio das Tecnologias da Informação e de Comunicação (TICs), a construção do conhecimento se tornou mais interativo, mais rápido. A comunicação entre pessoas e informação é efetuada em tempo real ou virtual, facilitando o conhecimento, a acessibilidade e a inclusão. Para Moro, Estabel e Santarosa (2007) estas tecnologias oferecem:

Inúmeras possibilidades de comunicação, de interação e de inclusão social e digital, reduzindo o tempo e o custo e atendendo um maior número de necessidades individuais, tornando-se cada vez mais presentes e mais necessárias e assumindo um papel significativo de importância educacional, social e pessoal.

As bibliotecas devem se adaptar ao uso dessas novas ferramentas e proporcionar aos estudantes auxílio quanto à suficiência e seleção de dados, tendo em vista que a abundância de informação disponibilizada na internet pode apresentar-se contraditória ou inconsistente. Pode-se afirmar que hoje, o conhecimento é poder. Por isso torna-se tão importante o domínio das novas tecnologias, pois estas proporcionam o acesso e o compartilhamento das informações de forma muito rápida e vem transformando o mercado de trabalho em quase todos os segmentos sociais.

É neste ambiente da biblioteca escolar que futuras gerações devem ter a possibilidade de desenvolver habilidades e competências para o uso da informação evitando a fragmentação do saber. Sales (2004) estabelece que a biblioteca escolar tenha funções fundamentais na capacitação do estudante para o uso e apropriação adequada da informação, a fim de torná-lo um indivíduo que possa exercer influência positiva em seu meio social, isto é:

- a) adquirir, preservar e disponibilizar a mais ampla variedade de documentos, refletindo a pluralidade da sociedade;
- b) adquirir, organizar e difundir a informação livremente, opor-se a qualquer forma de censura e disponibilizar os seus documentos, instalações e serviços a todos os utilizadores, de forma eqüitativa;
- c) assegurar que a seleção e a disponibilidade dos documentos e dos serviços sejam regidas por considerações de natureza profissional e não por critérios políticos, morais ou religiosos;
- d) proporcionar acesso à informação, às idéias que servem como portas de acesso ao conhecimento, ao pensamento e à cultura;
- e) proporcionar apoio essencial à formação contínua, para a tomada de decisão independente;

- f) contribuir para o desenvolvimento e a manutenção da liberdade intelectual ajudando assim a preservar os valores democráticos fundamentais universais.

O profissional que atua na biblioteca escolar deve estimular, potencializar e promover a aprendizagem contribuindo desta forma para o sucesso educativo dos alunos, professores e demais gestores. Este entendimento fica claro nas palavras de Barros (2009) que entende a biblioteca escolar “[...] como um laboratório de idéias, que promove o conhecimento e a cultura, complementando a sala de aula e dinamizando o ensino em qualquer escola”.

Maciel (2005, p. 109) compartilha desta proposta quando afirma que o acesso à informação é gerador de mudanças.

A capacidade dos indivíduos e grupos organizarem-se visando às conquistas sociais e uma (re) distribuição do poder depende em grande parte de seu grau de informação (no sentido lato) e de instrução, isto é, da distribuição do saber.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007/2008) constatou o importante e necessário papel das bibliotecas escolares para o desenvolvimento da leitura e na reversão do índice de não-leitores e que deve assumir o papel de formadora de leitores para além das atividades escolares. Por exemplo, um número acentuado de adolescentes após o término das atividades escolares não mais freqüentam uma biblioteca. Segundo Lajolo (1997, p. 7), a leitura não deve esgotar “seu poder de sedução nos círculos da escola”.

No espaço da biblioteca, alguns questionamentos se referem ao fato dos estudantes rejeitarem a leitura. O problema, talvez seja a formalidade do aspecto pedagógico (preenchimento de fichas de leitura, etc.), na falta de identidade com o objeto de leitura ou na ausência de negociação, não levando em conta os interesses do aluno, suas percepções, sentimentos e criatividade. Esta necessidade de “negociação de leitura” advém do fato de que a razão da existência da escola e conseqüentemente do resultado social que propicia, não deve estar reduzido na vontade de apenas um sujeito. O aluno adolescente por características próprias da

idade busca constantemente a liberdade de escolhas e quando a sala de aula e a biblioteca representam este espaço democrático, favorecem a formação de leitores e estes passam a valorizá-las. Ferreira (2009, p. 69) constatou durante a realização de uma pesquisa que alguns fatores se destacam na rejeição de leitura:

- a) Ausência de uma prática democrática em sala de aula que impedia tanto o diálogo entre pessoas, quanto a reflexão sobre o diálogo entre obras, sobre a intertextualidade;
- b) desvalorização do espaço da biblioteca;
- c) concepção de livro como instrumento de transmissão de normas lingüísticas ou comportamentais;
- d) inexistência ou oferta restrita de textos nos lares dos alunos;
- e) eleição pelos alunos de obras descompromissadas com o trabalho estético;
- f) desconhecimento por alguns professores da produção literária infanto-juvenil.

No contexto acadêmico encontram-se muitos exemplos referentes ao ensino da leitura, ao incentivo e sugestões de como fazê-lo com crianças em fase pré-escolar e no decorrer do ensino fundamental, mas raramente citam como manter, como estimular este leitor após o ingresso no Ensino Médio. Adolescentes que o são transitando no universo de não serem mais crianças e não chegando a serem homens ou mulheres, parecem ainda ignorados como classe no mundo da leitura. Convicções antigas, aparentemente relegadas sempre para depois, pois Mira y Lopez (1960, p. 225) na metade do século XIX já colocava que faltavam serviços e literatura que se adaptassem à “mentalidade e às inquietudes desse angustiante período”.

Por outro lado ainda há uma censura velada sobre o que as escolas chamam de não-leitura, isto é, livros de fraca legitimidade cultural muito disseminado entre os

adolescentes como história românticas, livros de aventuras simples, etc., desconhecendo, talvez, o universo particular de cada leitor. Concepção também defendida por Bamberger (1987, p. 11):

[...] para os jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes.

Mas, forçar a outros tipos de leitura neste estágio, também pode representar perder um leitor. Segundo Cavallo e Chartier (1998, p. 104) a escola deveria apoiar-se sobre estas práticas disseminadas, principalmente pela mídia, e conduzir esses leitores a encontrar outras leituras, múltiplas leituras, que os prepararia para o processo de formação de leitor pleno.

A biblioteca escolar deve ser um local vivo, que acolha mudanças. Os jovens se sentem motivados ou interessados quando o ambiente não os reprime, quando há pluralidade de idéias e espaço democrático para ouvi-los e atendê-los, além de um ambiente físico moderno e aconchegante. Lembrando que a aparência física da biblioteca reflete, também, o tipo de profissional que ali atua.

Para que o aluno mantenha o contato permanente com a Biblioteca de sua escola é preciso, antes de qualquer atitude, conhecer seus objetivos, seus interesses, suas capacidades intelectuais e culturais perpassando as necessidades didáticas da escola. Que o profissional que atua neste espaço além de possibilitar a produção e a construção do conhecimento, seja criativo e curioso. O estudante, principalmente, o adolescente apesar de muitas vezes se mostrar desinteressado possui um senso crítico bem desenvolvido e percebe as características do profissional e nele, também se inspira, pois faz parte do referencial que levará para o mundo particular. Por isso, mesmo sabendo que as palavras de Freire (1996, p. 29) foram dirigidas aos professores em sala de aula, são inspiradoras para todas as profissões:

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Enfim, como a biblioteca escolar pode “manter” o leitor? Tornando-se um espaço dinâmico, bonito, com um acervo atualizado que atenda as exigências pedagógicas do ensino, mas que não deixe de atender as preferências de leitura e de suportes preferidos do usuário que a freqüenta! Afinal, o objetivo central da existência de uma biblioteca não é atender as necessidades informacionais de seu público?

Mas, há um contraponto. Como exigir toda esta infra-estrutura de uma biblioteca escolar da rede pública de ensino? São poucos os profissionais bibliotecários contratados para trabalhar e alguns destes não conseguem fazer com que a instituição a qual estão subordinados visualize seus serviços com a função social da escola, como agregadores de valores pedagógicos.

Comunicação entre os pares, informação, qualificação e, talvez acima de tudo, atitude, seja o ponto final desta longa história de abandono das bibliotecas escolares.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para desenvolvimento deste estudo foi escolhido o Colégio Estadual Inácio Montanha, situado cidade de Porto Alegre - RS, no Bairro Azenha, por se tratar de uma escola do sistema estadual público de educação, reconhecidamente como um sistema que se mantém com poucos recursos financeiros e que tem em suas classes, jovens estudantes, normalmente carentes economicamente.

Hoje, a escola atende aproximadamente 1500 alunos do Ensino Médio, distribuídos nos 3 turnos e possui um quadro de 98 professores, 1 bibliotecário e 16 auxiliares. A administração geral da escola está sob a responsabilidade de 1 diretor e de 3 vice-diretores.

A escola atende aos critérios do Ministério da Educação e ministra, além das disciplinas básicas, disciplina de Educação Artística e Relações Humanas. Possui biblioteca, laboratório de informática (com 15 computadores), laboratório de química, quadra de esporte aberta e um pavilhão fechado, tombado pelo patrimônio histórico da cidade, e um bar para atender os alunos.

3.1 Histórico da Instituição¹³

O Colégio Estadual Inácio Montanha teve início em 1924 no Bairro Partenon em Porto Alegre, a partir da fusão de duas escolas menores, recebendo o nome de *Grupo Escolar Partenon*. Com o aumento de número de alunos no ano de 1925 a escola passou a ocupar um espaço maior e a sua denominação foi alterada para *Colégio Elementar Partenon*.

Com a revolução de 1930, a direção da Escola desejando homenagear o grandioso vulto que nela se projetou, Dr. Osvaldo Aranha, pediu ao Governo do Estado para que mudasse o nome da Escola para *Colégio Elementar Osvaldo Aranha*, no que foi prontamente atendido. Mas, como outra escola (Escola Normal

¹³ Informações fornecidas pelo Bibliotecário da instituição.

de Alegrete) também recebeu a mesma denominação e para que não ficassem dois estabelecimentos com o mesmo nome passou então a chamar-se *Grupo Escolar Inácio Montanha*, em ato realizado a 03 de dezembro de 1938, no prédio situado à Avenida Bento Gonçalves, onde hoje funciona o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

Inácio Montanha foi um renomado professor que iniciou suas atividades em 1879 e que já em 1890 fundou a Escola Brasileira, educandário modelo onde estudaram figuras representativas do Rio Grande do Sul, como o ex-presidente Getúlio Vargas e o ex-governador Ildo Meneghetti. Dos alunos que frequentavam essa escola, um terço era constituído de alunos carentes, pobres, que não podiam pagar seus estudos, mas que eram tratados de forma igual aos demais alunos. Após deixar a direção da Escola Brasileira o professor Inácio Montanha dedicou-se à prática da caridade entretanto, assistia os ex-alunos com conselhos, interessando-se pelo futuro e crescimento social dos mesmos. Inácio Montanha possuía um lema que norteava suas ações e que explicava sua preocupação com a formação educacional de seus alunos; “o segredo da felicidade consiste em concorrer para a felicidade dos outros”.

Em 1943, a escola já denominada Colégio Estadual Inácio Montanha, inaugura suas novas instalações sito à Av. João Pessoa esquina com a Rua Freitas de Castro onde permanece até a presente data.

3.2 Histórico da Biblioteca

A Biblioteca Olavo Bilac do Colégio Estadual Inácio Montanha está localizada no andar térreo do prédio do colégio. É administrada por um profissional Bibliotecário, com o auxílio de três professores com o intuito de atender os três turnos letivos da escola.

As informações relativas à origem da Biblioteca Olavo Bilac são inexistentes, ou melhor, a Bibliotecária e a secretaria da escola não possuem maiores informações. A única publicação contendo o histórico da escola, a Revista Nossa Escola editada em novembro de 1999, não contém informações referentes à criação da mesma e porque recebeu a denominação de Olavo Bilac.

A Biblioteca Olavo Bilac possui aproximadamente 6.000 volumes distribuídos em obras de referência (dicionários, enciclopédias, etc.), livros de literatura brasileira e estrangeira, livros didáticos, livros de arte, etc. Desde o ano de 2008 a unidade recebe livros do PNBE do Ministério da Educação, sob a gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)¹⁴.

A Secretaria Estadual de Educação através do Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares (SEBE)¹⁵ que tem como objetivo integrar, coordenar e fomentar o desenvolvimento dos serviços bibliotecários nas escolas do Estado, bem como os projetos e realizações de incentivo à leitura, também contribui com obras relativas à produção intelectual de autores do Estado e com materiais de eventos reproduzidos em forma de monografia. A unidade, também compõe seu acervo através de doações efetuadas por professores e particulares. Exemplo desta contribuição são os Cadernos de Estudo Fronteiras do Pensamento, que representam à transposição das idéias de conferencistas/estudiosos; da arte, cultura, mundo e pensamento, participantes do Projeto Fronteiras do Pensamento realizado anualmente no salão de atos da UFRGS. Este projeto tem como proposta a troca de idéias e o fomento de debates visando a diluição das fronteiras culturais, estimulando a tolerância frente a globalização crescente do mundo.

Assim como na maioria das bibliotecas do sistema público de ensino, o acervo da Biblioteca Olavo Bilac não está informatizado apesar das tentativas da Bibliotecária que ali atua em utilizar o *software Personal Home Library (PHL)*. Entretanto, a precariedade da rede de informática e recursos financeiros da escola, ainda não foi possível implementá-lo. A biblioteca também não possui um catálogo ou lista do material que compõe o acervo e o registro das obras é realizado manualmente, em livro.

As coleções obedecem a uma ordem de classificação/endereçamento e estão dispostas junto às paredes da biblioteca. Já os recursos informáticos existentes são: uma impressora e dois computadores; um para uso da Bibliotecária e outro para pesquisa *on-line*, sendo que este último normalmente está com problemas técnicos impossibilitando sua utilização. Apesar desta deficiência são prestados serviços de orientação à pesquisa bibliográfica na internet (computador de uso da bibliotecária),

¹⁴ Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/>>. Acesso em: 11 set. 2009.

¹⁵ Disponível em:<<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/sebe.jsp?ACAO=acao1>> Acesso em: 11 set. 2009.

empréstimo local, domiciliar e impressão de trabalhos. O empréstimo é controlado manualmente através de fichas e o número de sócios da biblioteca é muito pequeno.

Está sob responsabilidade da biblioteca o controle e distribuição dos livros didáticos advindos do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) que prevê a universalização de livros didáticos para os alunos do Ensino Médio público de todo o país. O controle, especificamente, demanda um tempo muito grande porque o aluno, em caso de transferência ou conclusão do curso, tem o compromisso de devolver os livros recebidos para que outro aluno possa reutilizá-lo. Atualmente a escola recebe livros de 7 disciplinas (Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia e Português) para todas as séries. Para entender a demanda desta prestação de serviço: caso o colégio recebesse no mesmo ano todos os livros novos, a biblioteca teria que controlar e distribuir, no primeiro mês do ano letivo, 10.500 unidades. Em princípio, esse controle e distribuição do material advindo do PNLEM, não é de responsabilidade da biblioteca, mas conforme a bibliotecária da escola a diretoria da instituição argumenta falta de pessoal qualificado para controlar esta distribuição.

Também está sob responsabilidade da Biblioteca a máquina copiadora para atender toda a comunidade escolar e que demanda um tempo muito grande neste atendimento, dificultando os demais serviços.

O horário de atendimento na biblioteca na parte da manhã é das 7h30min às 12h; à tarde, das 13h20min às 17h20min e a noite é das 18h30min às 22h.

4 METODOLOGIA

Para esta pesquisa utilizou-se uma abordagem qualitativa, pois este método entre outras vantagens, considerou a subjetividade dos sujeitos, seus sentimentos, suas experiências permitindo melhor entendimento do assunto em estudo.

Através da pesquisa qualitativa pode-se entender melhor o pesquisado, seu comportamento, ter uma visão mais completa sem o impedimento de questões limitantes e, que de forma espontânea e pessoal, pode o mesmo expor sua visão, a sua subjetividade.

4.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa se constituiu em um estudo de caso, pois este contribui para a análise e compreensão do contexto em que o pesquisado está inserido, permitindo que a realidade deste contexto possa ser visto de diferentes perspectivas e confrontado com fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.

Segundo Gil (2002, p 55) a intenção do estudo de caso não são os de “[. . .] proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”. Deste modo, o método aplicado atende aos objetivos estabelecidos neste trabalho.

4.2 Sujeitos do Estudo

Os sujeitos desta pesquisa foram escolhidos aleatoriamente entre os estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Inácio Montanha, nos três turnos (manhã, tarde e noite) de atividade da escola.

A amostra do estudo foi intencional, uma vez que foram selecionados entre todos os estudantes, um grupo do sexo feminino e um do sexo masculino, isto é,

para cada série e turno, um menino e uma menina, distribuídos nos três turnos, sendo que foram efetuadas 19 entrevistas para representar o grupo social em estudo.

4.3 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento para coleta dos dados foi uma entrevista semi-estruturada, seguindo um roteiro pré-estabelecido, com 11 questões abertas e semi-abertas possibilitando, desta forma, respostas pontuais e respostas onde o entrevistado teria a possibilidade de expor de forma mais clara sua opinião sobre o assunto em questão. Este roteiro deveria ser preenchido pelo entrevistador com acompanhamento visual do entrevistado, mas muitos destes preferiram responder as questões pessoalmente, alegando que suas idéias seriam expostas de forma mais clara. Assim, à medida que as questões estavam sendo respondidas, conversávamos para que o entrevistador pudesse captar situações subjetivas do entrevistado.

A entrevista foi o instrumento escolhido para a coleta dos dados, porque promove uma interação maior entre quem pergunta e quem responde, permitindo o aprofundamento dos assuntos e adaptações (entrevistador anotou impressões pessoais) para registrar sensações/pressentimentos percebidos durante a referida entrevista, tornando a informação mais eficaz para o estudo. O roteiro da entrevista efetuada encontra-se no Apêndice A.

As limitações dessa pesquisa se referiram às possíveis dificuldades, sejam em função da forma de abordagem, por se efetuar em apenas uma escola pública, ou outras que porventura surgiram no decorrer do trabalho.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi obtida a partir das entrevistas efetuadas e analisadas na ordem em que foram estruturadas. Os resultados são apresentados em forma de gráficos e, através do registro de observações e impressões efetuadas, assim como o cruzamento com o referencial teórico o qual consta neste estudo. Também, quando oportuno, algum dado se apresenta melhor esclarecido com a citação do próprio entrevistado.

5.1 Perfil dos alunos

Para compreender melhor o grupo estudado a primeira questão da entrevista buscou esclarecer o perfil destes estudantes, isto é, idade, sexo e qual série estavam cursando.

Responderam então à entrevista 19 estudantes, divididos nos turnos da manhã, tarde e noite, com faixa etária entre 15 e 19 anos de idade, uma média de 17,5 anos. Destes, 11 estudantes eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino. O critério inicial era entrevistar um estudante do sexo feminino e um do sexo masculino por série e em cada turno, mas a disponibilidade e o interesse por parte dos estudantes geraram uma pequena disparidade conforme gráficos 1 e 2 abaixo.

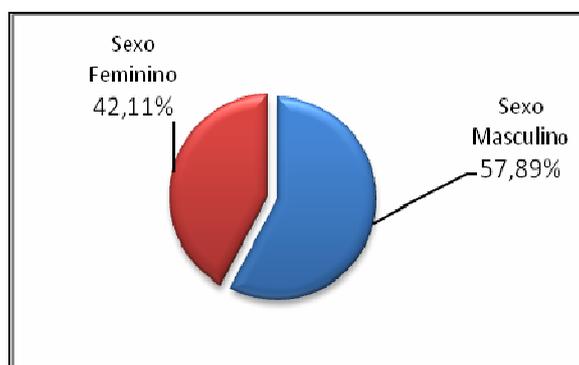


Gráfico 1: Sexo dos entrevistados.
Fonte: coleta do aluno.

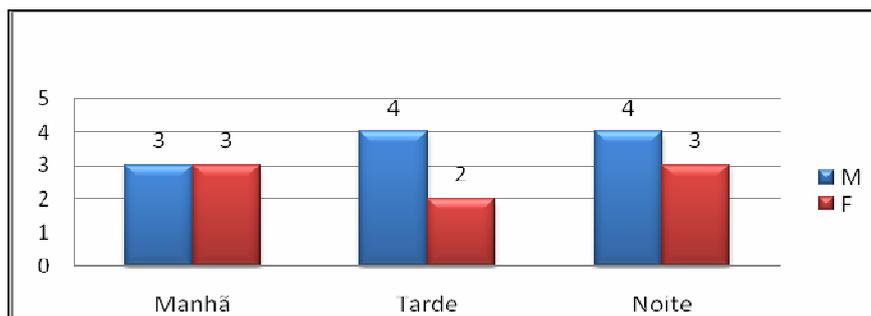


Gráfico 2: Sexo dos entrevistados por turno.
Fonte: coleta do aluno.

A abordagem aos alunos ocorreu nas dependências da biblioteca da escola e os alunos que, normalmente, chegavam em grupos, se disponibilizavam imediatamente em responder, tanto no turno da manhã como no turno da tarde. Foi possível perceber uma diferença no comportamento dos alunos de cada turno. Por exemplo, os alunos do dia tiveram mais disposição para colaborar com a entrevistadora, sendo que, na parte da tarde, esta característica ficou mais evidente. No turno da noite, a entrevista foi efetuada nos corredores da escola e foi necessário certo “esforço”, porque os alunos não estavam dispostos a colaborar, pareciam cansados e desestimulados. Chegavam apressados à escola e se dirigiam imediatamente para suas salas de aula.

5.2 O adolescente lê?

A primeira pergunta da entrevista corresponde ao objetivo principal deste estudo, isto é, averiguar se os adolescentes que freqüentam o Ensino Médio na Escola Pública leem. O resultado foi bastante satisfatório, pois 84% (gráfico 3) dos entrevistados responderam que leem, aspecto que a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007/2008) já havia prognosticado, isto é, os adolescentes estão praticando a leitura.

A negativa foi mais expressiva no turno da noite com três negativas. Também houve uma negativa no turno da manhã e outra no turno da tarde. Importante observar que estes estudantes se mostravam bastante tímidos, lacônicos e,

principalmente, os representantes da noite pareciam bastante cansados e desmotivados.

Perguntados quando liam, as respostas são um tanto preocupantes, porque grande parte dos alunos respondeu que liam quando precisavam estudar, isto é, liam para fazer provas ou trabalhos. Este fato representa que a leitura pelo prazer, pouco se efetiva.

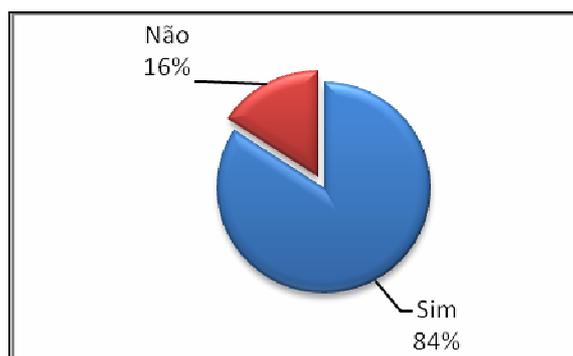


Gráfico 3: O estudante lê?
Fonte: coleta do aluno.

Quando questionados quanto à importância da leitura (gráfico 4), os estudantes responderam que achavam importante por questões de informação, cultura, aprendizado, desenvolvimento da escrita e oralidade. Apenas um aluno não soube explicar se a leitura era importante ou não. Um estudante considerado pela bibliotecária ótimo leitor, quando perguntado se achava importante efetuar leituras respondeu desta forma: *“Não, leitura e escrita são hábitos horríveis. As pessoas deveriam se dedicar aos esportes. Pensar é algo horrível e desgastante. Talvez seja por isso que o governo investe mais em esporte do que em cultura”*. Esta resposta representa a percepção do jovem do descaso histórico que o país sempre apresentou nas questões referentes à educação e a cultura e, ainda, a prova de que a leitura desenvolve o senso crítico, permite o questionamento.

Os alunos têm consciência da importância da leitura, tanto que, durante a entrevista ficaram bastante constrangidos ao responderem positivamente. Este fato, me remete a 1ª questão - liam quando precisavam estudar. Eles sabem das conseqüências que a falta da mesma pode representar ao longo da vida, mesmo porque, muitos deles já estão inseridos no mercado de trabalho que hoje, diante da multiplicidade de suportes e informação demanda muita leitura. E, se a leitura

propícia pensamento de forma autônoma, a comparação do raciocínio próprio com o dos outros, a comunicação oral e escrita, entre outros objetivos, a educação escolar precisa ser concebida de forma a ajudá-los para que possam resolver e produzir conhecimentos que lhes sejam necessários.

O resultado desta questão também vai de encontro aos dados já apontados pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, mostrando que o adolescente do Ensino Médio tem um perfil bastante significativo de leitor, isto é, representa hoje 27% de leitores do país, e aponta que é necessário investir em práticas sedutoras para garantir leitores para a vida inteira. É óbvio que o maior índice de leitores encontram-se no Ensino Fundamental, por possuírem uma população maior de estudantes e porque as políticas de incentivo a leitura estão centradas, principalmente, nestas séries. Contudo, já existe uma preocupação em criar programas para atender o público adolescente. Um destes projetos refere-se à Bienal Internacional do Livro de São Paulo de 2010 que pretende dar ênfase ao público adolescente, garantindo sua atenção, tendo em vista que é considerado um público difícil¹⁶.

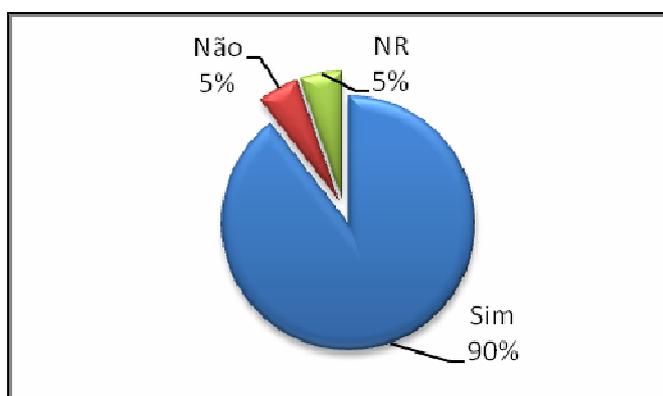


Gráfico 4: Importância da leitura.
Fonte: coleta do aluno.

A terceira questão da entrevista mostra um contraponto na afirmativa que o adolescente do Ensino Médio lê, uma vez que a leitura por obrigação (32%) exibe um índice muito próximo da alternativa leitura por iniciativa própria (37%), conforme o gráfico 5. Mas, de acordo com as respostas, o adolescente que lê por iniciativa própria, gosta de ler desde pequeno, isto é, realmente tem prazer em ler. Uma das

¹⁶ Jornal o Estado de São Paulo. Disponível em:
http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20091001/not_imp443775,0.php. Acesso em: 5 out. 2009.

respostas é muito significativa: *“Eu gosto de ler porque o futuro vai ser meu e se eu não me dedicar ninguém vai me ajudar.”* Revela uma consciência de responsabilidade pessoal sobre o próprio futuro. O que de certa forma é muito correto. O futuro não se traça em cima de “projeções” de ações públicas. Este resultado ratifica a 1ª questão, pois o adolescente lê quando precisa estudar (maior índice). O que não está errado, apenas permite deduzir que o estudante não lê quando não está estudando.

Quando analisadas as questões 1, 3, 4 e 5 juntas, percebe-se também certa incoerência, porque a leitura informativa é a preferida dos jovens e o suporte em destaque é o jornal, seguido da internet.

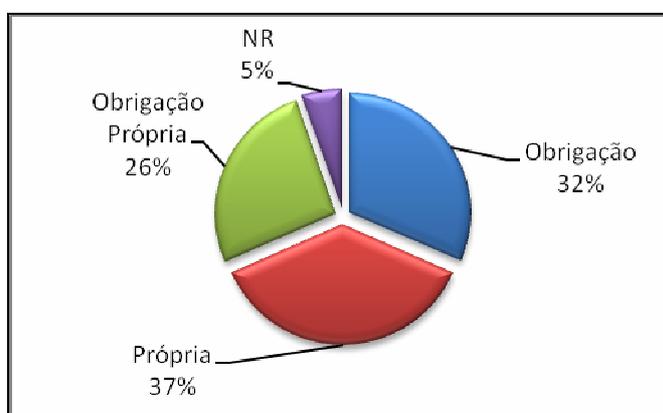


Gráfico 5: Leitura, iniciativa própria ou obrigação.
Fonte: coleta do aluno.

Quando analisado especificamente o 3º ano do Ensino Médio (gráfico 6) tendo em vista, que representa o último ano do aluno na escola regular e muitos alunos têm a pretensão de prestar vestibular para ingresso em curso superior, o percentual apresentado é maior para os alunos que leem pelos dois motivos: obrigação e iniciativa própria. Entretanto, o complemento das respostas enfatiza a pressão, principalmente, do professor de português.

O adolescente, nesta fase, já começa a perceber, que encontrando-se distante da leitura e sem competência para procurar e selecionar as informações que necessita pode tornar-se potencialmente excluído dos processos sociais. Todavia, é lamentável que, durante todo o ciclo escolar, este adolescente não se tornou um Leitor. Segundo Wada (2004, p. 40) “para ser leitor é preciso desejar.

Para desencadear esse desejo é preciso mostrar que a leitura e as histórias são isentas de obrigações e podem estar ligadas ao prazer”.

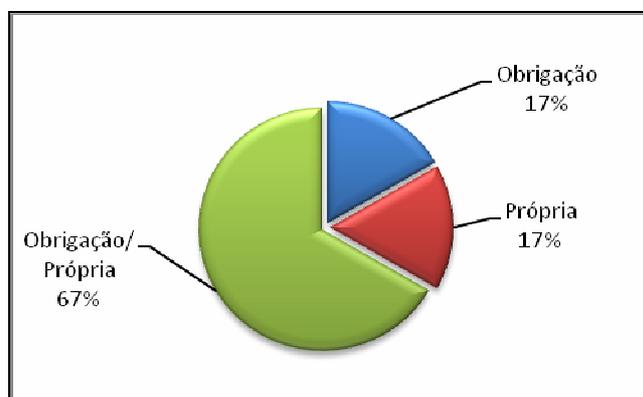


Gráfico 6: Leitura, iniciativa própria ou obrigação - 3º ano.
Fonte: coleta do aluno.

A questão 4 buscou identificar o que o adolescente da escola pública gosta de ler. A maioria dos estudantes prefere a leitura informativa (53%) seguido do romance (42%). O romance, especificamente, segundo especialistas do desenvolvimento humano, tem a preferência do adolescente porque o mesmo está voltado para seu mundo interior, construindo valores e, por isso, tem predileção por: histórias de amor, biografias, biografias romanceadas, atualidades, aventuras, romances com toque de sobrenatural e suspense. Em conversa informal e, mesmo na entrevista foram citadas as escritoras J.K. Rowling (Harry Potter) e Stephenie Meyer (Lua Nova, Crepúsculo) que se enquadram neste perfil de literatura.

O alto índice da leitura informativa vem complementado na questão 5, que interpelava sobre as preferências do suporte para efetuar a leitura. Os jornais (53%) têm a preferência dos estudantes. Este índice mostra inclusive que o estudante do Ensino Médio, aparentemente, está ciente da importância da informação para a vida pessoal e profissional. Conversando com os estudantes foi possível verificar que o jornal mais lido e presente em suas casas é o Diário Gaúcho, jornal popular de baixo custo. No entanto, a pesquisa não priorizou que tipo de informação era buscado no mesmo (esportes, política, notícias policiais, etc.), o que proporcionaria melhor noção do gênero da informação.

A internet foi o segundo suporte na preferência dos entrevistados (47%) pela facilidade de acesso, pela clareza da informação, pelos sites de interação e, porque

para alguns é o instrumento de trabalho. Um aluno colocou que gosta de ler tudo na internet, pois desta forma “*não precisa sair de casa*”.

Os livros (37%) estão sempre associados à literatura. E, um dos alunos fez a seguinte colocação: “*os livros sempre são mais completos, já jornais, revistas e internet é tudo pela metade já daí não é muito bom.*” Para outro estudante, os livros “*te ensinam coisas novas*” e os demais suportes “*lhe deixa mais informado*”.

A questão 6 (gráfico 7) da entrevista procurou identificar se o estudante buscava algum tipo de leitura na internet, com a intenção de verificar se este suporte faz parte da sua realidade. O índice é bastante significativo, pois 89% dos entrevistados responderam que sim. Mas, importante fazer uma ressalva, até mesmo porque a pergunta não contemplou outros aspectos de acesso. Muitos alunos trabalham e, é no trabalho que os mesmos acessam a internet. Durante o estágio curricular obrigatório conversei muito com os estudantes e percebi que um número elevado de alunos não possuía computador em suas casas, o que, aparentemente, os deixava constrangidos. Esta ferramenta tem uma importância tão grande na sociedade atual, que as pessoas se sentem fora do contexto, excluídas. A biblioteca da escola também representa esta exclusão, por que é pública, não tem recursos, não possui equipamento e alguns materiais para pesquisa, que o acesso a fontes *on-line* resolveria a questão. Percebi que o estudante tem consciência da importância desta ferramenta e que a escola, neste sentido, também não está contribuindo para seu desenvolvimento. O percentual de 11% que não se utiliza deste suporte se deve ao fato de não possuírem nenhum tipo de acesso ao equipamento.

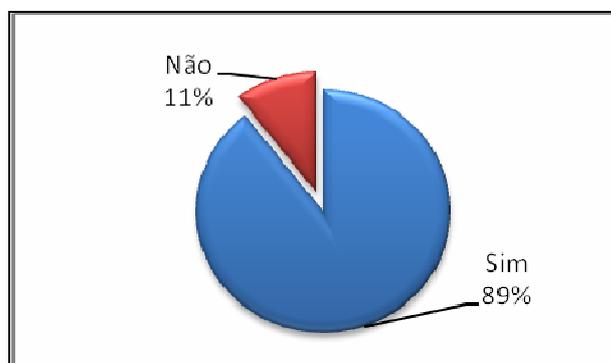


Gráfico 7: Acesso a internet.
Fonte: coleta do aluno

Os sites de interação (*Orkut, MSN* – citados na entrevista) foram os mais visitados (47%), seguidos da pesquisa escolar e das revistas eletrônicas que atingiram o mesmo percentual – 32% dos entrevistados. O índice referente aos sites de interação representa a voz dos adolescentes que vivem esse tempo “costurado” pelo mundo digital, que muitos não têm acesso, mas que buscam dele apropriar-se a revelia da inacessibilidade financeira ao computador. Alguns destes alunos, em conversa informal com a entrevistadora, declararam que fazem uso dos sites somente nos finais de semana, quando o custo do acesso é reduzido, outros burlam a vigilância em seus trabalhos para fazer uso rápido da interação.

O Colégio Estadual Inácio Montanha possui um laboratório com 15 computadores que os professores utilizam para ministrarem suas aulas e para os alunos efetuarem suas pesquisas. Entretanto, sem a presença do professor, o laboratório fica fechado. A biblioteca possui um computador para pesquisa, mas conforme informação da bibliotecária, normalmente, apresenta problemas técnicos impossibilitando o uso.

No caso das revistas eletrônicas, referem-se àquelas voltadas especialmente para o público jovem (*Capricho, Atrevida, TPM, etc.*) que, no formato impresso, tem um custo relativamente elevado.

Os jornais obtiveram o menor índice de acesso (21%) devido à disponibilidade do jornal impresso em suas casas. Uma vez que, na questão 7, quando questionados se existiam materiais de leitura em suas casas, o jornal foi o mais destacado, seguido de revistas, livros didáticos, gibis, bíblia.

Em conversa com os estudantes foi possível verificar que os mesmos chegam ao Ensino Médio com a deficiência que existe no Ensino Fundamental. Em casa possuem poucas alternativas para gostarem de ler. Por questões financeiras não conseguem adquirir livros, revistas, entre outros e, normalmente, os pais também não lêem contribuindo para que não haja o estímulo tão necessário nesta faixa etária.

O percentual de 84% (gráfico 8) sinaliza que na maioria das residências há algum tipo de material de leitura disponível. Entretanto, o percentual de 16% de residências que não possuem nenhum tipo de material é assustador, principalmente, devido à relevância deste assunto na vida dos estudantes.

A leitura é considerada como um direito fundamental para formação, desenvolvimento e exercício da cidadania, mas as famílias não estão tendo recursos

para suprir as necessidades básicas, como comer e vestir. É necessário, então, ultrapassar este discurso antigo de cidadania e criar outras possibilidades para os jovens e suas famílias, isto é, criar um equilíbrio de ações para superar as deficiências sócio culturais.

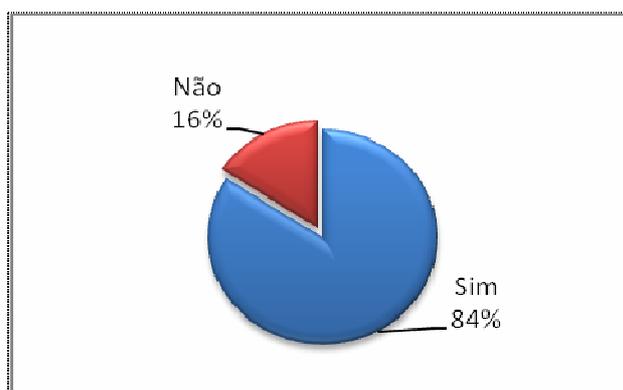


Gráfico 8: Materiais de leitura em casa.
Fonte: coleta do aluno.

5.3 Frequência e uso da Biblioteca

Quanto ao uso da biblioteca (gráfico 9), verificou-se que a maioria dos estudantes (68%) não costuma freqüentá-la. As justificativas foram as mais diversas como: tem prazo para devolução dos materiais, não dispõe de jornal, não tem acesso à internet (maior incidência de respostas), não tem tempo, falta de interesse, pesquisa na internet, tem biblioteca no local de trabalho, livros são antigos, entre outras. Um dos alunos respondeu da seguinte forma: "*nunca fui de freqüentar a biblioteca da escola, mas pretendo começar a **se interessar mais por livros***". Esta referência remete as antigas bibliotecas, guardiãs de livros, ainda persiste como modelo para o estudante. Na verdade, é a referência atual, tendo em vista a prestação de serviço oferecida atualmente pela biblioteca da escola!

No entanto, os freqüentadores (32%) a utilizam para fazer os trabalhos de escola, "pesquisar **alguma coisa**", procurar livros novos, "porque acha importante e tem o costume de freqüentar". Percebe-se que o espaço da biblioteca não é visto como local de estudo e tratamento da informação. Na verdade ela está sendo

subutilizada, pois os estudantes realizam, sobretudo, atividades relativas ao trabalho escolar e à pesquisa.

Foi possível constatar também, que não há regularidade por parte dos alunos investigados de ida à biblioteca. Este fato pode representar que esta atividade não faz parte do currículo da escola, não faz parte do planejamento das atividades disciplinares. Particularmente, este fato representa que é necessária a conscientização da comunidade escolar das múltiplas funções que a biblioteca escolar pode proporcionar.

Um aluno respondeu que vai à biblioteca para “tirar xerocópia”, pois a reprodução de documentos está a cargo da Biblioteca. Aliás, foi aproveitando estes momentos de cópias de documentos, que durante o estágio curricular obrigatório (nesta biblioteca) efetuei ampla campanha de divulgação dos livros novos que estavam disponíveis no acervo. Criei uma lista de divulgação e o resultado foi muito bom, inclusive, com sugestões dos alunos para que pudessem identificar mais rápido o tipo de leitura que procuravam. Isto é, solicitaram um pequeno resumo do que se tratava a obra.

Percebi que o maior índice de acesso à biblioteca tinha como objetivo a cópia de materiais deixados pelos professores, então aproveitei esses momentos para divulgar os demais serviços. O referencial teórico exposto neste estudo mostra que não basta apenas possuir um acervo. Deve-se divulgá-lo, mediá-lo, para que o conhecimento ali depositado atinja outros propósitos.

Apesar de ser uma escola pública e a biblioteca (o profissional bibliotecário) não ter autonomia para formar seu acervo, o ideal seria realizar um estudo de comunidade de usuários para descobrir os desejos e as necessidades informacionais da comunidade, bem como seus hábitos de leitura.

En primer lugar es necesario que las bibliotecas conozcan bien a sus usuarios o clientelas, y sus necesidades. Luego, reflexionar sobre lo que somos, sobre nuestra misión, y sobre los servicios que podemos ofrecer. Es necesario difundir los servicios de la Biblioteca, pero solo tras haber estudiado las necesidades de los usuarios (LÓPEZ MUÑOZ, p. 93, 1997).

Este instrumento é pouquíssimo usado nas bibliotecas escolares, mas é muito útil para avaliar os serviços e pode definir estratégias de ação, apesar dos poucos

recursos. O estudo também é um meio de integração maior do bibliotecário à comunidade, pois o insere na vida da comunidade e permite a correlação dos programas da biblioteca com outros da comunidade escolar.

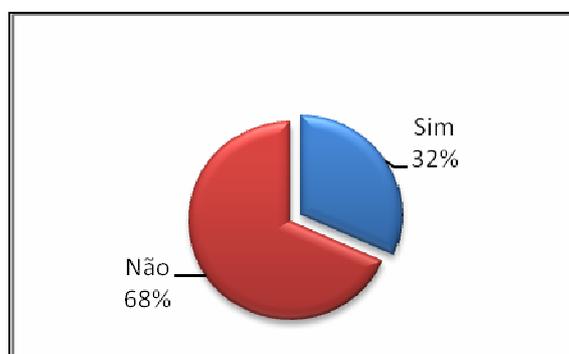


Gráfico 9: Freqüência e uso da biblioteca.
Fonte: coleta do aluno.

Talvez com a inserção de tecnologias mais “interessantes” aos olhos dos adolescentes, como o acesso à internet este quadro poderia alterar-se. A literatura digital, por exemplo, é uma realidade que vem se firmando e alia o hipertexto, a interatividade e a colaboração para a criação literária. Portanto, não deixa de ser um grande incentivo ao prazer de ler.

Questionados sobre a retirada de livros da biblioteca na questão 9, o índice de respostas negativas (74%) presente no gráfico 10 foi surpreendente, tanto quanto a questão acima. As explicações para não efetuarem o empréstimo também são as mesmas, acrescidas do fato que existe uma anuidade para associar-se e ter direito a retirar todo tipo de material (R\$ 3,00). Alguns alunos relataram informalmente, que a biblioteca possuía livros “velhos”. O que não é verdade. Tive a oportunidade de apurar que a mesma recebeu entre o ano de 2008/2009, aproximadamente 800 livros novos do PNBE. A escola possui exemplares da literatura clássica sul-riograndense e demais autores nacionais. A coleção de artes é excelente, conforme avaliação efetuada por um professor da UFRGS¹⁷.

É difícil pensar em mudar esta realidade na escola pública, tendo em vista que toda a política educacional está atrelada a recursos financeiros governamentais, que faz uso de uma política muito impessoal. No entanto, é possível através de projetos buscar parcerias. Também existem projetos efetuados por autarquias e empresas representativas na sociedade civil que efetuam a doação de pequenas

¹⁷ Informação fornecida por uma das professoras que auxiliam na biblioteca.

coleções novas para bibliotecas, principalmente do sistema público. O profissional bibliotecário precisa estar atualizado com projetos de melhoria do espaço da biblioteca que estão presentes em centenas de documentos disponíveis, inclusive, na internet. Penso ser urgente esta questão da informatização do acervo. E conforme página da SEBE¹⁸ existe um projeto em andamento. Junto a alguns órgãos do governo estadual é possível à doação de computadores usados e em boas condições de uso, o que ameniza a questão financeira junto às escolas.

Muitas vezes, bom desempenho não depende de políticas públicas e sim, de conhecimento, ações pró-ativas de cada profissional. Conhecendo o perfil dos seus usuários é possível criar ferramentas de promoção da sua unidade para divulgar os serviços e material disponível, pois a biblioteca deve estar adequada as características e necessidades da comunidade escolar, tanto do ponto de vista de seu funcionamento como do ponto de vista da informação que fornece.

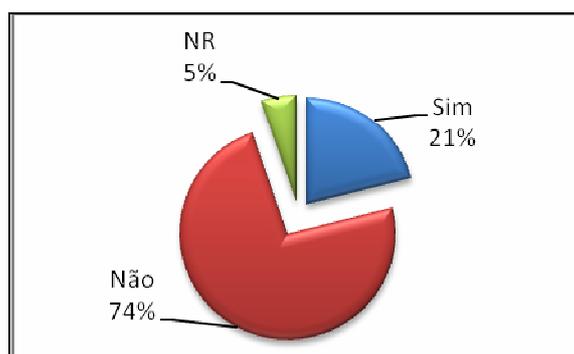


Gráfico 10: Empréstimo de material na biblioteca.
Fonte: coleta do aluno.

Outra questão bastante polêmica fez referência ao fato de encontrar ou não a informação procurada na biblioteca da escola. O percentual de 55% (gráfico 11) é bastante significativo, pois grande parte dos alunos limitou-se a responder negativamente, porque as explicações referentes a frequência e retirada de material deixavam claro suas razões.

Um estudante do terceiro ano fez a seguinte colocação: *“Porque no livro muitas vezes não consigo encontra o que eu preciso dai procuro direto na internet.”* Outro aluno (que vai a Biblioteca apenas para xerocópia e tem computador em sua

¹⁸ Disponível em: < <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/sebe.jsp?ACAO=acao2>>. Acesso em: 30 out. 2009.

casa) diz o seguinte: “*Porque hoje em dia vivemos na era da internet e na maioria das vezes a gente nem lembra da biblioteca.*”

Quanto a questão do “não ter tempo”, minha percepção diz que as facilidades da internet são um forte atrativo. Os buscadores, como o caso do Google, permitem uma infinidade de opções de respostas. Se o aluno souber exatamente o que procura, o termo mais adequado, a pesquisa chega pronta em segundos, facilitando inclusive o copiar e o colar, tão polêmico nos trabalhos escolares. Mas este acesso resolve questões pontuais. O que preocupa é a ausência de leitura em geral nos momentos em que o computador não está disponível e para aqueles que não têm acesso ao mesmo.

Penso que a internet ainda não tem o caráter de substituir a leitura impressa pela virtual, mesmo por que as tecnologias que permitem o acesso virtual a qualquer momento e lugar ainda não estão disponíveis para o grande público, devido o custo financeiro que representam.

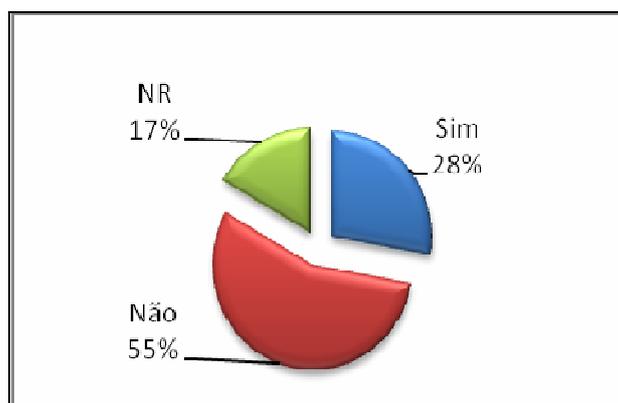


Gráfico 11: Informação na biblioteca.
Fonte: coleta do aluno.

A questão final da entrevista (gráfico 12) questionava se a escola estimulava a leitura. Surpreendentemente o índice foi bastante positivo, pois 74% dos estudantes responderam que o mesmo existe, principalmente, pelos professores da disciplina de português (maioria das respostas), filosofia, inglês e relações humanas. Estas são disciplinas que demandam realmente muita leitura em função da aprendizagem e então, surpreende o fato de não citarem a disciplina de sociologia e história.

Entretanto, é bastante óbvio que o professor da disciplina da língua portuguesa seja responsável pelo maior número de cobranças. Este resultado faz parte de inúmeros estudos da área da biblioteca escolar. Parece que ainda não há conscientização que todo professor é, ou deveria ser, professor de leitura.

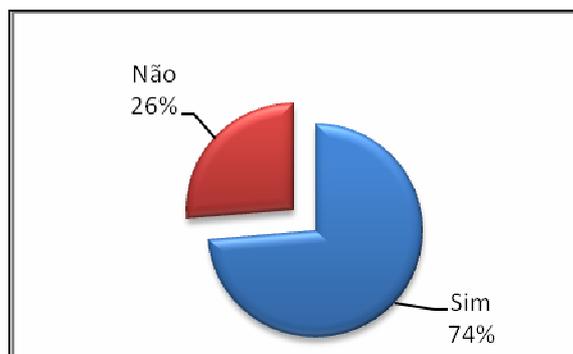


Gráfico 12: Escola e o estímulo a leitura.
Fonte: coleta do aluno.

Durante o estágio curricular percebi que poucos professores freqüentaram a biblioteca em busca de material para reforçar suas aulas, mas estes poucos tinham uma freqüência constante e realmente estavam sempre em busca de algo novo. Dos 26% que acham que não há estímulo para a leitura, as respostas foram bem enfáticas, salientado que não havia interesse por parte dos professores e que “*obrigar a ler não é um bom caminho para estimular*”. Contudo, a educação escolar tem valores ideológicos a preservar, mas se estudar é uma ação reflexiva, um trabalho intelectual que pressupõe finalidade e compromisso, as individualidades também devem ser respeitadas. As necessidades e a historicidade do aluno são importantes para que a leitura exigida faça sentido e contribua para seu crescimento pessoal.

Com tantas iniciativas nestes últimos anos, com tantos exemplos disponíveis de fomento a leitura, sempre é possível encontrar uma solução para amenizar, para difundir o prazer e o gosto da leitura junto ao adolescente, independentemente daqueles que a negam enfaticamente. O encontro com escritores, por exemplo, é uma forma de humanizar e desmistificar a figura do autor como um ser de outro mundo e que pode alimentar o desejo de ler e escrever no adolescente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo mostrou que a biblioteca escolar vive uma realidade que não condiz com a sociedade contemporânea atual. A biblioteca escolar é apenas mais uma sala dentro da escola e se tiver com a porta fechada não faz nenhuma diferença no dia-a-dia do aluno. Ela continua (o mesmo lamento histórico) não tendo legitimidade dentro do contexto escolar. Este quadro fica evidente quando os próprios professores não freqüentam a biblioteca, e pouco estimulam os alunos.

O estudo concluiu que os estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Inácio Montanha leem, mas esta prática não está associada à biblioteca da escola. Os serviços prestados por ela são insuficientes e não atraem os adolescentes. Também não existem ações de incentivo a leitura no ambiente da biblioteca da escola. A instituição como um todo parece não reconhecer a biblioteca como espaço de cultura, estudo, leitura e de acesso à informação.

Os professores e, principalmente, os alunos não conhecem o acervo, não sabem usar o material disponível e a mediação da leitura é praticamente inexistente. Com a colaboração de um mediador as duas formas de leitura (livre e obrigatória) poderiam conviver em alternância.

Por sua vez, o adolescente não encontra na biblioteca um espaço dinâmico, próprio do momento que vive. Apesar de o estudo contemplar a leitura da palavra escrita, porque esta é a realidade atual da biblioteca da escola, se faz necessário incluir a cultura visual, porque ambas fazem parte da formação de uma inteligibilidade de mundo e condiz com o perfil do adolescente. A foto, a pintura, a música, a cena do cinema, as histórias em quadrinho, fazem parte da leitura de mundo que o adolescente encontra fora do espaço da escola. Penso ser possível formar leitores, também, através da educação visual.

Para evitar a “exclusão digital” à biblioteca deve se adequar e auxiliar os alunos no desenvolvimento da competência informacional, realidade indiscutível que os mesmos enfrentarão tanto no mercado de trabalho, como nas universidades. Precisamos de bibliotecas “sem fronteiras”, que se utiliza de redes sociais compartilhando conhecimento entre biblioteca, professor, aluno e vice-versa, que possibilite acesso com outros parceiros, como as bibliotecas públicas, museus,

centros culturais, entre outros. Sugiro também um estudo de usuários para descobrir realmente quais as necessidades e desejos de informação da comunidade escolar e para redefinir prioridades. Importante a busca de parceiros para informatizar o acervo, assim como utilizar-se de ferramentas (por exemplo, Marketing) para divulgar a biblioteca e os serviços oferecidos.

O referencial teórico do estudo mostra de forma simples, que a leitura faz parte da agenda atual do governo em vários segmentos educacionais e na sociedade civil, como reconhecimento de que a mesma está inserida no contexto do desenvolvimento econômico e social de um país. Contudo, se o profissional bibliotecário e os professores da escola não assumirem o papel que lhes cabe como mediadores da leitura, não se atualizarem e, se também não se tornarem leitores de fato, de nada adiantará o governo e outros segmentos criarem projetos bacanas, como alguns citados neste estudo. Acredito que, se o bibliotecário está na coordenação da biblioteca de uma escola, cabe a ele desenvolver ações enriquecedoras para aquele espaço. Entretanto, considero imprescindível o governo estadual investir no aumento do quadro funcional. As possibilidades de oferecer serviços nas bibliotecas escolares são muitas, mas torna-se desumano para apenas um profissional atuar em cada unidade.

Portanto, pela importância da leitura no contexto atual da sociedade ela deve ser tratada pelas instituições de ensino com prioridade, envolvendo todos os profissionais que ali atuam, num esforço amplo, com parceria, qualificação e muita ação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alair. Acervo Literário Resgatado do Lixo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a114/n266/html/63acervo.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

AMORIM, Galeano. **Leitura e Cidadania**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/uol_texto_ler.php?id=1669&page=13>. Acesso em: 20 jun. 2009.

ARENA, Dagoberto Buim. Leitura no Espaço da Biblioteca Escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 157-185.

AVERBURCK, Lúgia Marrone. Leitura e Ideologia. **Revista Leitura: teoria e prática**. Campinas, v. 2, n. 2, p. 11-15, out. 1983.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Ática; UNESCO, 1987. 109 p.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 272 p.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa. Falta política pública adequada para bibliotecas escolares, diz especialista. **Agência de Notícias BrasilQueLê**. São Paulo, abr. 2009. Entrevista. Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/texto_ler.php?id=5262&secao=22> . Acesso em: 2 maio 2009.

BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. Adolescência e leitura: a contribuição da escola e da Biblioteca Escolar. In: **Proceedings XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação 1**, 2000. Centro de eventos da PUCRS. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000769/>>. Acesso em: 4 jun. 2009.

BRANT, Leonardo. Biblioteca para todos?. **Portal de Literatura e Artes Cronópios**. São Paulo, maio 2009. Entrevista. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=3982>>. Acesso: 10 maio 2009.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. **Programa Nacional de Incentivo à Leitura**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://catalogos.bn.br/proler/>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

_____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Nacional da Biblioteca da Escola**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html>. Acesso em: 11 jun. 2009.

_____. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12371&Itemid=582>. Acesso em: 11 jun. 2009.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/comentarios2008.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2009.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In : SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 187-203.

CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). A competência informacional na educação para o século XXI. In: ____ **A biblioteca Escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 62 p.

CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. 2 v.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Projeto Mobilizador**: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/PROMOBILFINAL.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2009.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 69-96.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 149 p.

_____. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se complementam. 22. ed. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1988. 80 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo ; 4).

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p. (Coleção leitura).

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como Produção de Sentidos. In: CHARTIER, Roger *et al.* **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p 107-116.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 01 CD-ROM.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br>> . Acesso em: 02/05/2009.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2009.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 112 p. (Educação em ação)

LÓPEZ MUÑOZ, Ricardo; MAILLARD MANCILLA, Carolina; PALACIOS ROJAS, Paula. **Gestión Participativa em Bibliotecas Públicas**: los desafios de trabajar com La comunidad. Santiago: DIBAM, 1997. 174 p.

MACIEL, Maria Lucia. Estímulos e desestímulos à divulgação do conhecimento científico. In: BAUMGARTEN, M. (Org.). **Conhecimentos e Redes**: sociedade, política e inovação. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. p. 107-116.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. 519 p., il. (Série temas ; 49).

MIRA y LOPEZ, Emilio. **Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Científica, 1960. 299 p.

MORO, Eliane L. da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. **A Inclusão de PNEES com Limitação Visual no Cenário da Educação, da Comunicação e das Tecnologias**. Porto Alegre, 2007.

Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/eventos/CIIEE/2007/pdf/CP-301.pdf>>.

Acesso em: 26 set. 2009.

PAIVA, Aparecida. A Trama do Acervo: a literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Biblioteca da Escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 137-155.

PERISSÉ, Gabriel. **Elogio da Leitura**. Barueri, SP: Manole, 2005. 158 p.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 18, n. 60, dez. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf>>
Acesso em: 11 set. 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Educação. **Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares**. Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/sebe.jsp?ACAO=acao1>>. Acesso em: 11 set. 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. 160 p.

SALES, Fernanda de. O Ambiente Escolar e a Função Bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli: Rev. eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis, n.18, jul./dez. 2004.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/179/1685>>. Acesso em: 18 out. 2009.

SOARES, Magda Becker. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPEd, n. 25, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE25/RBDE25_03_MAGDA_SOARES.pdf>. Acesso em: 20 out. 2009.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **A Conquista do Jovem Leitor**: uma proposta alternativa. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1998. 114 p.

SUAIDEN, Emir José. A Biblioteca Pública e a Formação e a Manutenção de um Público Leitor. In: **Folha Proler**, Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00001284/>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Brasiliana USP**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>>. Acesso em: 2 jun. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Bibliotecas**. [Site Institucional]. [Porto Alegre], 2009. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/>>. Acesso em: 2 jun. 2009.

WADA, Marcia Miyoko. **Juventude e Leitura**. São Paulo: Annablume; A Cor da Letra, 2004. 144 p.

APÊNDICE A - ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Prezado aluno,

Esta entrevista servirá de instrumento para o meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Graduação em Biblioteconomia da UFRGS que estou realizando.

Obrigada pela sua atenção,

Clarisse Arend

Graduanda do Curso de Biblioteconomia da UFRGS sob orientação da Prof. Eliane L. da Silva Moro

Idade: _____ Sexo: (..) masculino (..) feminino Série: _____ Turno: _____

1. Você lê?

() Sim () Não Quando? _____

2. Você acha importante a leitura?

() Sim (...) Não Por quê? _____

3. Você costuma ler mais por iniciativa própria (prazer) ou por que o professor solicita (obrigação)?

4. O que mais gosta de ler:

(...) romance (..) crônica (..) poesia (..) leitura informativa
(...) outros Quais? _____

5. Qual o suporte que você prefere para suas leituras?

(...) livros (..) jornais (..) revistas (..) internet
(...) outros Por quê? _____

6. Você busca algum tipo de leitura na *Internet*? (...)Sim (...)Não
(...) jornais (...) revistas eletrônicas (...) pesquisa para atividades
escolares (...) sites de interação (...) outros Quais? _____

7. Na sua casa, existem materiais de leitura à sua disposição?
(...) Sim (...) Não Quais? _____

8. Você costuma freqüentar a biblioteca da escola?
(...) Sim (...) Não Por quê? _____

9. Você retira livros da biblioteca?
(...) Sim (...) Não Por quê? _____

10. Você costuma encontrar a informação que procura na biblioteca de sua
escola?
(...) Sim (...) Não Por quê? _____

11. Na sua opinião, a escola estimula a leitura?
(...) Sim (...) Não Como? _____
